



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

BEN'ARTIVIST – MASKOFANARK

Relatório de Projeto Final apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Som e Imagem

Benjamin Pires

Porto, 17 de dezembro de 2020



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

BEN'ARTIVIST – MASKOFANARK

Relatório de Projeto Final apresentado à Universidade Católica Portuguesa

para obtenção do grau de Mestre em Som e Imagem

- Especialização em -
Design de Som

Benjamin Pires

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professor Doutor José Vasco Carvalho

Porto, 17 de dezembro de 2020

Dedicatória

Dedico este projeto à minha família, especialmente à minha rainha, a minha mãe e também a outra mulher muito especial que esteve ao meu lado este último ano, Raquel Melo. Dedico ao professor José Vasco Carvalho, a todos os professores que me acompanharam na licenciatura e no mestrado em Som e Imagem. Ao Miguel Araújo, pelo companheirismo, pelo apoio na gravação de alguns temas e pela ajuda na fase final de mistura.

Não foi fácil fazer um álbum praticamente sozinho pelo que o dedico a todas as pessoas que tornaram a sua concretização possível.

Agradecimentos

Este projeto não seria possível de concretizar sem a ajuda do Miguel Araújo. Obrigado Pedro Oliveira por toda a sua disponibilidade e compreensão; ao Pedro Gaspar pela revisão do documento e por fim ao meu orientador, o professor José Vasco Carvalho a quem agradeço o apoio e a orientação no desenvolvimento do projeto.

Resumo

Com este relatório pretendo descrever o desenvolvimento do álbum “MaskOfAnark”, uma obra da qual sou o autor e compositor de todos os temas.

Esta produção musical desenvolveu-se em quatro fases de construção determinantes: composição instrumental, composição lírica, gravação e mistura. O processo de construção é descrito neste relatório desde a criação de um instrumental, gravação até à fase final de mistura.

Este álbum oferece uma grande diversidade de estilos musicais centrados no hip-hop português. As mensagens do álbum estão focadas no declínio da sociedade atual, alertando para um sistema que nos torna reféns, que escraviza, que leva ao colapso da sociedade e à falta de empatia social. Uma vida melancólica que nos leva à loucura. Este álbum é um manifesto antissistema, onde se misturam as raízes do hip-hop aos mais variados géneros de eletrónica como o *dubstep*, o *trap*, o *drill* criando-se, assim, uma identidade própria com a fusão de vários estilos musicais.

Palavras-Chave: Produção musical, hip-hop, música cinematográfica, álbum, antissistema

Abstract

The following report refers to the development of the album “MaskOfAnark”, composed and produced by my alternative identity, Ben’Artist.

The project was organized in four stages of development: first the instrumental production, then the song writing, after that the voice recording and finally the mixing stage, all described in this report.

The album presents a wide diversity of musical styles with a noticeable influence of Portuguese Hip-Hop. The message of the project is focused on the destruction of the system in which we are stuck without awareness; an imprisoning system causing the world’s collapse, a melancholic life filled with a sense of rage and lack of social empathy, that leads us to a state of madness. This album is an antisystem manifest, in which the roots of hip-hop are mixed with genres such as dubstep, trap, drill.

Keywords: Music production, hip-hop, cinematographic music, album, antisystem

Índice

Lista de Figuras	x
Glossário.....	xi
1. Introdução.....	1
1.1. Descrição do projeto final.....	2
1.2. Objetivos e motivação	3
1.3. Equipa do projeto final	3
2. Abordagem e tratamento	4
2.1. História do hip-hop	4
2.2. Hip-hop em Portugal.....	6
2.3. Indústria do áudio nos anos 80 e 90.....	8
2.4. DAW e instrumentos virtuais	9
2.5. Referências artísticas para a elaboração do projeto	11
3. Metodologia e trabalho realizado	13
3.1. Preferências técnicas.....	14
3.2. Composição instrumental	15
3.3. Composição lírica	16
3.4. Contextualização dos temas do álbum.....	16
3.5. Sessões de gravação de voz	24
3.6. Edição, mistura e processamento.....	27
3.7. Processo de masterização.....	34
4. Reflexão crítica e perspetivas futuras.....	35
Bibliografia e outras referências.....	36
Anexos.....	38
Anexo A – Letra dos temas	38
Anexo B – Excertos de temas de Chullage.....	54

Lista de Figuras

Figura 1 - Ben'Artist.	1
Figura 2 - Autor do projeto, no decorrer de gravações no Estúdio de Produção Musical da Escola das Artes.	3
Figura 3 - Redação do tema “MANIFESTO ANTSSISTEMA”. Imagem do autor do relatório.	16
Figura 4 - Equalização da voz.....	26
Figura 5 - Sessão do DAW do tema INTRO. Imagem do autor.	27
Figura 6 - Compressor voz AGENDA21.....	29
Figura 7- <i>Convolution Reverb</i>	30
Figura 8 - WOW2.....	31
Figura 9 - RAW	32
Figura 10 - StepFx.....	33

Glossário

Digital Audio Workstation (DAW) - Em português: “estação de trabalho de áudio digital”. Trata-se de um programa informático que tem a finalidade de gravar, editar e produzir áudio digital. Originalmente, os DAWs eram máquinas baseadas em microprocessadores que não faziam uso de fita magnética para o processamento de áudio. Os DAWs modernos evoluíram para o formato de *software* de computador com interfaces de áudio.

Takes - Faixas gravadas das tentativas de execução de uma performance.

Plug-in - *Software* de processamento de áudio ou não que complementa a plataforma informática base (DAW).

Reverb - Efeito sonoro com a função de manipulação da percepção acústica de uma fonte sonora, alterando as características sonoras e de posicionamento num determinado espaço.

Delay - Efeito baseado no atraso e duplicação total de um som, utilizando replicações espaçadas ao longo do tempo.

Master - Faixa onde se somam todos os elementos/instrumentos de uma gravação multipista.

Side-chain - Forma de comprimir um sinal sonoro a partir da influência de outro sinal, a título de exemplo: o sinal de um bombo quando enviado em *side-chain* para o compressor de um baixo elétrico comprime o sinal do baixo sempre que há um batimento.

1. Introdução

Este projeto final de mestrado consiste na composição do álbum “MaskOfAnark”, de hip-hop português, o primeiro projeto lançado por mim, Ben’Artist, o qual apresenta treze faixas com duração total de 49 minutos. Este álbum resultou de um trabalho desenvolvido em estúdio durante um ano letivo.

“MaskOfAnark” insere-se na tendência bem atual de fusão entre estilos, apresentando um vasto leque de diferentes mensagens que expõem a corrupção, a revolta, a indignação, flutuando, assim, entre estados de euforia e melancolia, colocando o ouvinte num mar de emoções confusas, incentivando-o a pensar sobre como vivemos, sobre o consumo e sobre o valor humano. Estamos prestes a presenciar um colapso mundial. A minha relação com a música enquanto compositor pretende mostrar uma mensagem de luta contra os grandes “senhores do poder”, a máscara da anarquia. Neste sentido, pretendo expressar uma mensagem ativista na luta contra o controlo e o abuso de poder, misturando a raiva e a deambulação do dia a dia criando, assim, uma identidade própria que mistura vários estilos musicais, oscilando entre o hip-hop, a música eletrónica e o *sampling*.

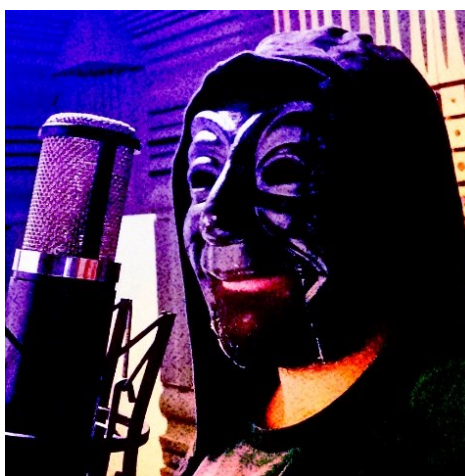


Figura 1 - Ben'Artist.

Como nome artístico adotei “Ben’Artist” resultante do meu nome próprio Benjamin e de Arte + Ativismo. Este nome artístico nasce com o propósito de criar uma entidade que habita numa sociedade completamente destruída. Esta *persona* pretende lutar contra o poder e a opressão, eliminar os estratos sociais e lutar pelo bem comum.

1.1. Descrição do projeto final

A elaboração deste álbum efetuou-se em quatro fases: composição instrumental, composição lírica, gravação e mistura. Na primeira fase, em estúdio, compus os instrumentais dos treze temas que integram o álbum e procedi posteriormente à escrita da letra e à gravação. Depois de escrever e de gravar o álbum efetuei a fase técnica de edição, de mistura e de masterização. A edição focou-se na limpeza da voz e a mistura no equilíbrio de volumes entre versos para estabelecer uma coerência entre todas as faixas. Contei com o apoio do colega Miguel Araújo para a masterização dos temas, tendo acompanhado todo o processo por forma a certificar-me de que a estética musical pretendida para este projeto preservar-se-ia.

A sonoridade dos temas foi inspirada nos anos 90 e 2000, bem como nas temáticas “anomalias urbanas” e “arte e ciência” propostas pela Escola das Artes para a realização dos projetos académicos dos anos letivos 2017/2018 e 2019/2020.

O projeto final de mestrado descrito neste relatório é a continuação do projeto final de licenciatura, no qual pretendi ilustrar a decadência de uma sociedade envolta em sujidade e poluição, concretamente a “poluição sonora”. A elaboração do álbum “MaskOfAnark” permitir-me-ia aprofundar este conceito e desenvolver a minha vertente ativista direcionada para a consciencialização dos problemas inerentes à poluição, à preservação do meio ambiente e ao acelerado desenvolvimento da tecnologia e do respetivo impacto na economia e na sociedade.

Por ter desenvolvido o projeto sozinho, tive de desempenhar funções técnicas e performativas/criativas, o que nem sempre possibilitou atingir o equilíbrio sonoro idealizado, já que habitualmente este “equilíbrio” é assegurado pelos diversos executantes das tarefas inerentes ao desenvolvimento de um álbum.

A formação obtida na licenciatura e no mestrado em Som e Imagem da Escola das Artes capacitou-me de competências que me permitiram ultrapassar algumas dificuldades e lidar com problemas identificados na fase inicial de trabalho. Ainda assim, a minha estreia na utilização de microfonia de fita levou-me a cometer alguns erros de captação, consequentes do modo de operação do equipamento e da sua sensibilidade. Senti que precisava de me libertar das operações técnicas para ser mais criativo, o que consequentemente me levou a gravar um número excessivo de *takes*, tendo acumulado uma vasta quantidade de material bruto, o que dificultou o desenvolvimento do processo de edição e de mistura e no equilíbrio vocal pretendido.

Do trabalho realizado resultou o álbum “MaskOfAnark”, o qual pretendo disponibilizar nas diversas plataformas de distribuição de música, como o Spotify, o Soundcloud, o Youtube Music, entre outras.

1.2. Objetivos e motivação



Figura 2 - Autor do projeto, no decorrer de gravações no Estúdio de Produção Musical da Escola das Artes.

O desenvolvimento deste projeto deve-se à minha pretensão em enveredar profissionalmente por um percurso musical, o qual teve início com a criação da *persona* “Ben’Artist”, de perfil artístico assente no hip-hop português, mas com cunho inovador.

Com este projeto pretendi ampliar o meu conhecimento em produção de música eletrónica e experimental, pelo que as minhas escolhas musicais foram “agressivas” e “sujas” com o intuito de desrespeitar todas as noções estéticas de cada estilo, mantendo apenas as suas bases musicais.

O desenvolvimento de um projeto artístico na fase final de mestrado permitiria solidificar a formação obtida na licenciatura em Som e Imagem e no primeiro ano do mestrado em Design de Som e assim consolidar conteúdos de teor técnico e artístico, como o desenvolvimento de conceitos e de ideias, os processos e as técnicas de captação e de mistura no âmbito da produção musical.

1.3. Equipa do projeto final

Considerando o envolvimento e dedicação com que me entreguei ao projeto, não posso dizer que exista uma equipa. Tive somente como parceiro musical o colega Miguel Araújo que me apoiou na fase final de mistura das vozes e na masterização das faixas finalizadas.

2. Abordagem e tratamento

Numa primeira abordagem efetuei uma pesquisa sobre a história do hip-hop e sobre este movimento cultural em Portugal. Por considerar pertinente para o desenvolvimento do meu projeto, pesquisei por ativistas de diversas áreas, como músicos, poetas, pintores ou escultores, por forma a consolidar uma base de referências artísticas para a elaboração do mesmo.

2.1. História do hip-hop

A génese do movimento cultural hip-hop situa-se no continente americano, nas raízes latinas, sul-americanas e jamaicanas dos subúrbios de Nova Iorque. Mais precisamente do Bronx, numa sociedade nova iorquina marginalizada do final da década de 60, em que grandes líderes negros como Martin Luther King e Malcom X lutavam pelos direitos humanos e pela inclusão social. O hip-hop surge, assim, com músicas compostas por letras de alto teor político-social (Vidon, 2014, p. 52).

De acordo com Mariaca (2005), o termo “hip-hop” surge por volta de 1968, deve-se ao artista Afrika Bambaataa¹ e foi inspirado numa dança popular da época. O termo “hip” refere-se a um movimento de dança com a anca e “hop” saltar.

Uma das transformações que a cultura hip-hop sofreu, ainda no seu local de origem (Nova Iorque), foi a criação de duas expressões: a “Old School” e a “New School” – a primeira ligada aos seus fundadores e a uma cultura emergente e marginal e a segunda ligada à sua expansão comercial.

A estas duas expressões Fernandes (2010, p. 52) distingue também duas atitudes diferentes na produção de música rap: a *sell-out* e a *underground* – a primeira é referente à produção que tem por objetivo fundamental a comercialização e a segunda à produção para consumo no interior do próprio fenómeno cultural hip-hop.

Relativamente à componente rítmica do rap, os artistas aplicam a técnica percussiva *break-beat*, na qual a batida é criada a partir do isolamento de fragmentos rítmicos de músicas previamente gravadas. Como tal, poder-se-á afirmar que a sonoridade do estilo musical rap não se constrói a partir de instrumentos musicais convencionais (ainda que alguns grupos menos

¹ Afrika Bambaataa – nome artístico de Lance Taylor, cantor, compositor, produtor musical e DJ (Disc Jockey) que funda a 12 de novembro de 1973 a Zulu Nation, uma organização com o objetivo de autoafirmação e combate ao desfavorecimento social baseada nos princípios do hip-hop – Paz, Amor, União e Diversão.

puristas recorram a esses instrumentos), mas sim através do recurso de discos e de sons vocais como o *beat-boxing*² (Fernandes, 2010, p. 43).

Este movimento cultural reúne artistas da área da música – rap, *Disc Jockey*, Mestre de Cerimónias (MC); da dança (*street dance* e *break dance*) e das artes plásticas – *graffiti*, cujas contribuições artísticas estão na essência deste movimento. Segundo Mariaca (2005) o DJ é a essência, a alma, a raiz, o MC é a consciência e o cérebro do hip-hop, o *break* representa o corpo através da dança e o *graffiti* (desenhos, pinturas em murais) é a expressão da arte, o meio de comunicação.

Na voz do rapper, a palavra, o poema ganha força, sentido e ação. Os jovens dos guetos reveem-se no discurso contundente do rap que utiliza a linguagem do quotidiano para falar de temas como a droga, a violência, as injustiças sociais e económicas. O rap trabalha o texto alternando uma linguagem tipicamente oral com uma linguagem mais formal, mais comum na escrita e este hibridismo do rap leva a pensar que ora estamos a ouvir uma poesia, ora um documentário, ora uma narrativa, entre outros discursos (Vidon, 2007, p. 25). Embora o rap seja geralmente acompanhado por batidas também pode ser produzido sem acompanhamento ou *a capella* e pode ser dividido em diferentes componentes, como o “conteúdo”, o “fluxo” e a “entrega”.

O *Disc Jockey* é o artista que seleciona e reproduz composições previamente gravadas ou produzidas na hora. Este aplica técnicas de manipulação de sons e de criação de batidas usando dois ou mais gira-discos, bem como outras fontes sonoras provenientes de fitas, CD ou arquivos de áudio digital e uma mesa de mistura de DJ ligada a um sistema de PA (*public address system*). Um dos primeiros DJs de hip-hop foi Kool DJ Herc, o qual criou uma nova vertente de hip-hop na década de 1970, através do isolamento e extensão de “breaks” (as partes dos álbuns que se concentravam exclusivamente na batida percussiva). Além de desenvolver as técnicas de Herc, os DJs Grandmaster Flowers, Grandmaster Flash, Grand Wizard Theodore e Grandmaster Caz inovaram com a introdução do “scratching” o que se tornou um dos sons-chave associados à música hip-hop.

Outra vertente do hip-hop é o *breakdance*, um estilo de dança de rua normalmente dançado ao som do funk ou *breakbeat*. Também chamado de *B-boying* / *B-girling* ou *breaking* é um estilo de dança dinâmico e rítmico que se desenvolveu como um dos principais elementos

² O *beat-box* é a imitação de sons de instrumentos de percussão utilizando apenas a voz.

da cultura hip-hop. O *breakdance* baseia-se em muitas culturas, incluindo a dança de rua da década de 1930, as artes marciais brasileiras e asiáticas, a dança folclórica russa, os passos de dança de James Brown, Michael Jackson e o funk da Califórnia. Segundo Mariaca (2005) o *breakdance*, foi originalmente criado para que o dançarino tentasse reproduzir através da sua dança o corpo debilitado dos soldados americanos que voltavam da Guerra do Vietname. Deste modo, os jovens protestavam contra a guerra e exigiam a paz.

O *graffiti* surgiu como forma de demarcação de territórios nos guetos nova-iorquinos. Posteriormente, o *graffiti* ultrapassou essa dimensão e deixou de estar associado a um gueto específico. No *graffiti* a intenção era e ainda é a de mostrar através de desenhos o repúdio pelas mais diversas formas de opressão (Vidon, 2007, p. 22), tendo sido usado como ferramenta de expressão por ativistas políticos.

O MC, Mestre de Cerimónias, é quem relata através de rimas os problemas, as carências e as experiências vividas nos guetos. Não só descreve, mas também lança mensagens de alerta e de orientação. O MC tem como principal função animar festas e contribuir para a diversão. Apresenta normalmente jogos de palavras complexos, de entrega rápida e uma variedade de “gírias de rua”, algumas das quais exclusivas da subcultura hip-hop.

2.2. Hip-hop em Portugal

Em Portugal as origens da cultura hip-hop estão profundamente ligadas à Margem Sul do Tejo e aos fluxos migratórios dos anos 80 que disseminaram no país e nas comunidades africanas ecos da cultura hip-hop americana (Abreu, 2020). Abreu (2020) afirma que as primeiras referências chegaram a Portugal por intermédio das comunidades portuguesas e cabo-verdianas situadas nos Estados Unidos, as quais faziam chegar à terra natal, em cassetes, gravações de programas de rádio sobre a cultura hip-hop. Ainda que a maior expressão do rap esteja ligada à capital nacional e à comunidade negra da diáspora africana, o rap nacional também se desenvolveu no norte do país com influência da comunidade luso-francesa, destacando-se os Dealema e os Mind da Gap enquanto grupos ligados à região do Porto, os quais ainda hoje continuam a produzir rap. A base militar das Lajes na ilha Terceira é frequentemente apontada como porta de entrada do hip-hop no país dada a possibilidade dos funcionários portugueses que lá trabalhavam acederem e adquirirem nos estabelecimentos

comerciais americanos situados na base, produtos musicais direcionados ao gosto dos jovens soldados americanos.

O hip-hop surge, assim, não como identidade cultural de um país, mas como identidade cultural juvenil, de jovens que integram e entendem o hip-hop como nação (Fernandes, 2010, p. 60).

O rap desponta no país com a distribuição de temas gravados em cassete e é no início dos anos 90 que se conhecem e se publicam as obras que solidificam o novo género musical, como “Portukkkal É Um Erro” do *rapper* General D e a compilação “Rapública” da qual resultou o êxito “Nadar” do grupo Black Company. Apesar da contribuição de “Rapública” para a visibilidade do género, a indústria discográfica em Portugal resistiu à novidade, o que levou ao desenvolvimento do hip-hop nos circuitos *underground*, situação que contrastava com o resto da Europa onde já se encontrava bem divulgado. De acordo com Belanciano (2000 *apud* Abreu, 2020) a pouca tradição em Portugal de consumo da “música negra”, o facto de não existirem pequenas editoras que fomentassem o género e a quase inexistência de um circuito do qual fazem parte *disc-jockeys* ou lojas de discos eram algumas das possíveis razões para que o hip-hop nunca se tivesse imposto verdadeiramente em Portugal.

Durante a segunda metade dos anos 90 editam-se registos de Mind Da Gap, Boss AC e Cool Hipnoise (grupo de Melo D pós Family), de Ithaka (projeto do norte-americano Darin Pappas), através da editora NorteSul a qual teve um papel relevante na divulgação dos nomes destes artistas.

Mind Da Gap lançam em 1997 “Sem Cerimónias”, álbum considerado ainda hoje uma referência do estilo em Portugal e o despoletar de uma nova forma de fazer rap nacional, já que, de acordo com Abreu (2020) “*terá sido o primeiro registo nacional criado com as condições certas, num estúdio de topo, com acesso a um engenheiro de som americano, Troy Hightower, que lhe deu o boost certo nas misturas*”.

A segunda metade dos anos 90 foi a época das *mixtapes* de DJs como Bomberjack, Assassino e Kronik, e dos longos *freestyles* que mais tarde ganhariam exposição na Rádio Marginal com o programa “Hip-hop Don’t Stop”. O grande elemento de união nacional da cultura era o programa “Rapto” da autoria de José Mariño onde passaram, por exemplo, as primeiras maquetes dos Mind Da Gap e de todos os futuros protagonistas do movimento.

Com um circuito próprio de espetáculos e de distribuição das *mixtapes*, o movimento hip-hop ganhou força em Portugal e em 1999 deu-se um outro passo crucial na evolução até ao

presente: a edição do primeiro álbum de Sam the Kid, “Entre(tanto)”; Filhos de Um Deus Menor, duo em que participava NBC (rapper-cantor que ficou em segundo lugar no Festival da Canção de 2019), lançam “A Longa Caminhada” e Micro, grupo do veterano D-Mars (rapper e produtor) estreia-se com “Microestática” num registo mais independente, uma geração que já não precisava de estúdio ou de editora para fazer música. Nasce, assim, a era de produção no digital, a qual contribuiu para o desenvolvimento da indústria musical, com especial relevância para a atividade dos *disc jockeys* e dos produtores de música com instrumentos eletrónicos, como os sintetizadores.

No que concerne a atitude e o estilo musical, em Portugal os rappers são influenciados pelo exemplo americano contudo, recusam a violência. São explicitamente contra o consumo de droga, sendo exemplo disso o tema “Meu Amigo” dos Cool Hipnoise³. Recusam igualmente a xenofobia e a delinquência. Fazem rap por reconhecerem ser a forma mais eficaz de passar a sua mensagem de cariz contestatário a nível social e político, e o discurso com matriz de protesto acontece pelos rappers com raízes fora de Portugal que se sentem desenraizados e segregados (Fernandes, 2010, p. 63).

2.3. Indústria do áudio nos anos 80 e 90

No início da década de 80 desenvolveu-se um grande interesse pela inovação que foram os primeiros *samplers* e pelos instrumentos de música eletrónica. Na época, os *samplers* e os primeiros sintetizadores eram de grande porte e dispendiosos, mas com o desenvolvimento da tecnologia tornaram-se gradualmente mais acessíveis.

O desenvolvimento do computador pessoal e a sua popularização contribuiu igualmente, a partir da década de 80, para a ampla difusão da música eletrónica e para a digitalização dos processos de produção de som.

As primeiras estações de trabalho de áudio digital (DAW) eram máquinas baseadas em microprocessadores que não faziam uso de fita magnética para processamento do áudio. Os DAWs modernos evoluíram para o formato de *software* permitindo gravar, editar e reproduzir áudio digital a partir de um computador. A transição do processo de trabalho analógico para o digital e informático poderá justificar a tendência para as interfaces de *software* de DAW e

³ Tema integrado na compilação de 2003 *Nação HIP-HOP - 10 anos de hip-hop em Portugal*, editado pela EMI-Valentim de Carvalho.

principalmente para os seus *plug-ins* constituírem uma metáfora visual de equipamentos físicos da era analógica.

Os arquivos digitais de áudio possuem quatro propriedades relevantes para a determinação da qualidade do som armazenado e para o seu tamanho, a saber – a resolução (quantidade de bits a usar para representar cada amostra), a taxa de amostragem (quantidade de amostras do sinal sonoro), o *codec* (algoritmo que procede à codificação e à descodificação da informação armazenada) e o formato, o qual especifica a disposição dos dados no arquivo, havendo formatos compatíveis com vários *codecs* para codificação do som.

Os arquivos de formato WAV (criado pela Microsoft) e AIFF (criado pela Apple Inc.) armazenam o som sem utilizar compressão de dados (*lossless*), o que resulta em arquivos maiores, mas de melhor qualidade. Porém, foram os formatos que utilizam compressão de dados com perdas (*lossy*), como o MP3, os que mais contribuíram para a distribuição de música através da internet, graças ao tamanho reduzido dos ficheiros, conseguido pela limitação da fidelidade sonora.

O protocolo de comunicação MIDI (*Musical Instrument Digital Interface*) é concebido nos anos 80 como estratégia para solucionar a comunicação, o controlo e a sincronização de informações de áudio entre diversos dispositivos como teclados, sintetizadores e processadores de som. O MIDI tornou-se num dos padrões mais notáveis da indústria informática por permitir o controlo remoto e o sincronismo de qualquer dispositivo do estúdio de acordo com as ordens programadas pelo técnico ou pelo compositor. Nos dias de hoje o MIDI não se limita à produção musical, é utilizado para controlar estruturas de iluminação, projetos interativos, entre outras atividades realizadas por músicos, DJs, produtores, educadores, artistas e “hobbyists”.

As melhorias anunciadas recentemente para a atualização do protocolo MIDI (MIDI 2.0) prometem novas e interessantes funcionalidades, como a comunicação bidirecional, novos parâmetros de controlo, o aumento da resolução dos controlos, perfis de configuração automáticos, troca de informações sobre as propriedades dos equipamentos como configurações de *presets*, entre outros (The MIDI Association, 2020).

2.4. DAW e instrumentos virtuais

No passado, compor o instrumental de um tema significava estar sentado ao piano e registar na partitura a composição pretendida, um processo moroso em que o compositor escutava a obra completa apenas numa fase posterior com a orquestra, o que nem sempre

resultava na sonoridade pretendida por este. A música computadorizada mudou esta estratégia de trabalho, permitindo compor, escutar e rever no momento.

A música computadorizada tornou-se acessível por volta dos anos 2000. Entre as principais ferramentas de *software* atualmente disponíveis destacam-se o Reaper, Logic, Cubase, Ableton Live, FL Studio, Max/MSP, Max for live, Pure Data, Csound, SuperCollider, Kyma, PWGL, OpenMusic, Junxion, Lisa, Rosa, Superlooper.

O resultado dos novos desenvolvimentos na música computadorizada através de instrumentos virtuais tornaram possível a execução de obras de música eletrônica ao vivo com a interação do artista.

A par dos instrumentos virtuais, a utilização de computadores na produção musical possibilita a aplicação de processamentos digitais no áudio, através de *plug-ins*, e consequentemente centralizar a produção musical no computador, o que permite ao produtor não depender exclusivamente de processamentos analógicos de *outboard*. Efetivamente, grande parte dos *plug-ins* atualmente disponíveis são modelados ou inspirados em equipamentos analógicos, como é o caso do catálogo de produtos da marca Soundtoys ou o *plug-in Abbey Road Reverb Plates* comercializado pela marca Waves.

Considerando a utilização recorrente de *sampling* no meu trabalho apresento seguidamente alguns dos instrumentos virtuais que utilizei na produção do álbum, a começar pelo *Kontakt da Native Instruments*, um *software* que emula a funcionalidade de um *sampler*, permitindo reproduzir amostras de sons e criar instrumentos virtuais personalizados.

O instrumento virtual *Looperator* da Sugar Bites é uma ferramenta de corte e de reorganização de *samples* ou melodias que fomenta a minha criatividade por permitir manipular sons de uma forma mais intuitiva. Apresenta ainda múltiplos efeitos de *scratch*, fita, vinil, distorção, efeitos granulares, *step-sequencer*, uma pista de *loop* para efeitos rítmicos de *stuttgart*, *bit crusher*, redução da taxa de amostragem, entre outros.

Utilizo frequentemente no meu estilo de produção o filtro de distorção *WOW2* da *Sugar Bites*. É um efeito composto por 21 tipos de filtro até 48 dB por oitava, apresenta um modo de manipulação de vogais, sete tipos de distorção, vários moduladores como seguidores de envelope, LFOs e *step-sequencer*.

Utilizei também o *Sub Boom Bass 2* da Rob Papen, um sintetizador de baixos e sub-baixos, com dois osciladores, sub osciladores e um *step-sequencer* integrado com várias

opções de programação. Quanto à modulação possui dois filtros multimodo com mais de 20 características diferentes entre as quais a distorção, o envelope ADSR e o LFO.

Por fim menciono o *RAW*, também da Rob Papen, especialmente desenhado para sons crus e distorcidos. Possui dois osciladores flexíveis com *pad XY*, opções de edição extensas, filtros com envelope, LFOs com duas ondas editáveis, um equalizador integrado e ainda *waveshaper*, distorção e *bit crusher*, bem como dois blocos de efeitos para *chorus*, *hall*, *delay*, entre outros.

2.5. Referências artísticas para a elaboração do projeto

Apresento como referências pessoais no campo da composição lírica os artistas Chullage e Valete. Estes abordam nas suas composições os problemas sociais do quotidiano, os problemas raciais, o desemprego, a opressão e a insustentabilidade, pelo que me identifico com as suas obras, sendo possível encontrar reminiscências destas temáticas nas minhas letras.

Chullage, nome artístico de Nuno Santos, é um rapper português nascido em 1977 de ascendência cabo-verdiana, criado na margem sul de Lisboa. Descreve-se como rapper, dizeador, produtor e *sound designer* (Chullage, s.d.). Editou 3 álbuns em 2001, 2004 e 2012 e singles.

As principais preocupações do artista ao longo da sua carreira têm sido a vida nos bairros, o rap, o racismo, a violência, a desigualdade, os media, a identidade e a política de Portugal (Júnior, 2020).

Para o desenvolvimento do projeto final de mestrado, inspirei-me no terceiro álbum de Chullage, *Rapressão*, no qual o artista aborda a vida nos bairros, a luta contra o racismo, a desigualdade social e em que este critica a nova geração de artistas de hip-hop. Destaco os temas “De Volta” e “R.A.P.” de Chullage⁴ como inspirações para os meus temas **FORA DE MODA** e **SEM CONVERSA**.

Uma outra referência de Chullage para a elaboração do meu álbum é o tema declamado *acapella* “intenCidades” publicado em 2019, no qual as palavras surgem como arma de combate ao que está mal na sociedade, desde o consumismo ao ritmo de vida alucinante. O seu papel ativista surge, assim, como inspiração para o meu trabalho artístico, motivando-me a compor em vários estilos musicais.

⁴ Consultar *Anexo B – Excertos de temas de Chullage*.

Identifico-me também com a arte de Valete (Keidje Lima) conhecido como anticapitalista e comunista que retrata problemas do contemporâneo. Destaco como referência o tema “Anti-Herói”, do álbum Serviço Público (editado em 2006), o qual marcou a minha adolescência e em que este se define como um “Trotskista belicista”.

No campo da composição instrumental importa destacar como referências no mundo da música eletrônica os Noisia, um coletivo de produtores holandeses Nik Roos, Martijn van Sonderen e Thijs de Vlieger. No início da carreira discográfica, este coletivo focou-se principalmente no *drum 'n bass*, apresentando atualmente maior diversidade enquanto produtores. Do *remix* à produção de álbuns pop, do hip-hop ao *breakbeat*, os Noisia têm mantido uma forte posição na cena *drum 'n bass* e permanecido fiéis ao seu som característico - sujo mas limpo, tal como considero a sonoridade do meu álbum.

Zomboy, nome artístico de Joshua Mellody, produtor musical de *dubstep*, compositor e DJ. O tema “The Outbreak” (2014), mudou totalmente a minha visão da música devido à fusão de estilos musicais utilizados na sua produção, tendo-me catapultado para um nível de experimentação até então para mim desconhecido.

Skrillex, nome artístico de Sonny John Moore, DJ, produtor musical, músico, cantor e compositor norte-americano, recebeu cinco nomeações na 54ª edição dos Grammys. Fundou a editora OWSLA, a qual gere vários artistas de referência para o meu trajeto musical, como é o caso de KOAN Sound (*dubstep*), Porter Robinson (*electro house*), Knife Party uma dupla de artistas dos antigos Pendulum (*drum 'n bass*), que misturam à música eletrônica o *dubstep*, o *moombahton* e o *complextro*.

Estes são alguns dos estilos musicais com os quais me identifico, daí não apresentar no meu trabalho um estilo musical definido a não ser o rap que é a minha grande paixão, pois foi este o género musical que me fez ingressar no mundo da composição e querer ser hoje *sound designer*.

3. Metodologia e trabalho realizado

O meu projeto artístico está imbuído de uma dualidade de sentimentos de raiva e de empatia face a uma sociedade em declínio. Sinto que quanto mais o tempo passa mais nos tornamos amargos, medíocres, máquinas insensíveis. Somos obrigados a seguir uma rotina atrás de um falso conforto, a procurar estabilidade financeira que nos faz esquecer quem somos e nos priva de sonhar. Não me quero render a um sistema que obriga a viver de “notas”, marcas, ou influências. Quero ser apenas EU, “Ben’Artist”. O conceito do meu trabalho baseia-se, desta forma, num misto de sentimentos e de influências musicais.

O álbum encontra-se dividido em duas partes – os primeiros seis temas numa vertente mais cinemática com conteúdo lírico de intervenção e ritmos baseados no *sampling* e no hip-hop. Nos restantes temas dá-se a experimentação com a fusão de estilos em que se mistura o hip-hop com o *dubstep*, com o *trap* e com o *drill*. Estas inspirações musicais são muito mais contemporâneas e ligadas aos dias de hoje. Inspirei-me nos meus amigos, nas pessoas que me são mais próximas e nas minhas vivências – viver numa “nova” cidade na qual me sinto forasteiro, sem esquecer as raízes transmontanas que me tornaram o homem que sou.

Estruturei o meu trabalho seguindo uma metodologia organizada em quatro fases – a composição instrumental, a composição lírica, a gravação da voz e os processos de edição, mistura e masterização.

Efetuei o processo de composição do instrumental recorrendo ao DAW Logic X e procedi posteriormente a uma mistura preliminar a utilizar nas sessões de captação de voz. Assim, foi-me possível centrar a atenção no meu desempenho vocal aquando das sessões de gravação de voz. A escolha dos microfones foi baseada na estética dos temas, deste modo para as primeiras cinco músicas utilizei um microfone de fita (Oktava ML-52-02) e para as restantes um microfone condensador a válvulas (AKG P820).

A situação pandémica da Covid-19 colocou algumas restrições no acesso às infraestruturas da Escola das Artes, pelo que desenvolvi o trabalho em três estúdios – nos Estúdios de Produção Musical e de *Surround* da Escola das Artes e no meu estúdio pessoal. Esta estratégia permitiu efetuar as misturas em vários espaços e, assim, aferir o comportamento destas nos diversos equipamentos de monitorização e espaços acústicos.

3.1. Preferências técnicas

O meu trabalho desenvolveu-se com recurso a sistemas computadorizados para a produção de conteúdos musicais. Os instrumentos virtuais, os algoritmos de processamento de dinâmica e de efeitos permitiram-me obter um maior controlo sobre o trabalho desenvolvido, daí a preferência na utilização do DAW Logic X, dos instrumentos virtuais da Native Instruments (Kontakt) e da Rob Papen (Raw), dos *plug-ins* da Waves (Vocal Rider), da FabFilter (Pro-Q 3, Saturn) e da interface física de áudio RME UC, a qual me permitiu fazer captações de elevada qualidade graças à precisão dos seus pré-amplificadores e efetuar diversas monições necessárias para a realização da gravação da componente vocal.

Quanto à microfonia utilizada, tive em consideração as práticas de trabalho mais comuns dos estilos musicais abordados, pelo que optei pela utilização de dois microfones para a captação da voz – o microfone de fita para os temas de *boom bap* (primeira metade do álbum), o qual proporcionaria uma sonoridade mais ligada ao jazz e ao hip-hop produzido nos anos 90 e o microfone de condensador a válvulas a utilizar na produção dos temas de *trap* e *dubstep* (segunda parte do álbum).

Considerando a pretensão de tornar o álbum acessível em plataformas *online*, a realização da mistura teve por base vários sistemas de monição, o que me permitiu garantir que o projeto se traduziria adequadamente nos diversos sistemas de consumo de música de gama de consumidor e de gama profissional.

Relativamente aos sistemas de monição, utilizei como par principal dois monitores *near-field* da marca Genelec (8040 BPM) e como par secundário monitores da Yamaha (HS 5). A realização das misturas no Estúdio de Surround da Escola das Artes permitiu-me aferir o comportamento destas em monitores *mid-field* da Blue Sky. Considerando o aumento do *sweet spot* e as especificidades inerentes à acústica daquele estúdio, nomeadamente o comportamento da gama de frequências subgraves, pude obter uma impressão clara de como as misturas se comportariam quando difundidas por sistemas altifalantes de gama profissional em espaços que possuem algum tratamento acústico.

A escuta num monitor da marca Fostex permitiu-me aferir a compatibilidade da mistura em mono e o seu desempenho em sistemas de baixa fidelidade em comparação com os restantes equipamentos de monição utilizados.

Como anteriormente referi, a situação pandémica causada pela Covid-19 dificultou o acesso aos estúdios de som da Universidade, pelo que numa fase inicial do projeto (fase de

composição) trabalhei com os auscultadores Beyerdynamic DT 770 PRO do tipo fechado, uma estratégia de monição que para Marques (2014, p. 23) dever-se-á evitar por ser impossível ouvir em estéreo neste tipo de sistema, não sendo possível aferir corretamente a localização, a profundidade ou a localização dos elementos da mistura. Consequentemente, não utilizei monição de auscultadores aquando do processo de mistura e de masterização.

3.2. Composição instrumental

O álbum é composto por duas partes, cada uma marcada por diferentes abordagens à componente instrumental, as quais influenciaram consequentemente, o conteúdo das letras – os primeiros seis temas assumem uma sonoridade inspirada nos anos 90 e na geração do *boom bap*⁵ e a segunda, que abrange os restantes temas, inspirada nos anos 2000 e nas sonoridades atuais como o *trap* – subgénero do rap – e o *drill*, um subgénero do rap mais contemporâneo.

O contexto académico no qual o projeto foi desenvolvido influenciou igualmente o meu processo de composição instrumental. Considerando a Escola das Artes uma referência no ensino da sétima arte, decidi abordar o processo de composição instrumental a partir de uma ótica cinematográfica e orquestral. A banda sonora composta especialmente para um filme onde inclui dialogo e efeitos sonoros, varias peças orquestrais desde instrumentos a corais, desta forma estas começam a um ponto específico de um filme para poder aumentar a narrativa dramática e o seu impacto emocional.

O processo de composição iniciou-se pela elaboração do instrumental do tema de abertura **INTRO** e pelas composições inspiradas no *boom bap* – **AGENDA 21, CONVÉS DOS MORTAIS, FORA DE MODA e MANIFESTO ANTISSISTEMA**.

De todos os temas elaborados realço o **MANIFESTO ANTISSISTEMA**, o qual estabelece a ponte para as composições com sonoridade contemporânea que constam da segunda parte do álbum. Este tema apresenta num primeiro momento uma sonoridade inspirada no *boom bap*, a qual transita gradualmente para uma identidade aproximada ao *trap* experimental. Esta variação de estilos de produção musical é acompanhada pela mudança do valor das batidas por minuto (bpm), o qual transita de 92 para 140 bpm.

⁵ O termo *boom bap* trata-se de uma onomatopeia que representa os sons do bombo e da tarola. Consiste num estilo de produção musical que se destacou na Costa Leste dos Estados Unidos da América entre os meados dos anos 80 até ao início dos anos 90.

3.3. Composição lírica

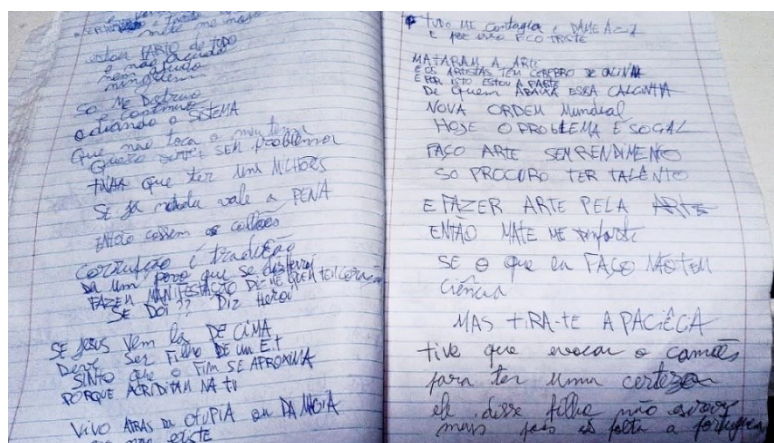


Figura 3 – Redação do tema “MANIFESTO ANTISISTEMA”. Imagem do autor do relatório.

Após a elaboração da composição instrumental, dei início ao desenvolvimento da componente lírica.

Serviram-me de inspiração para a elaboração das letras e para a seleção de *samples* vídeos provenientes do Youtube sobre discursos do filósofo Jiddu Krishnamurti (1974; 2016), os quais refletem sobre o papel do ser humano no mundo; vídeos sobre Rosa Koire, autora do livro *Behind the Green Mask: Agenda 21*, crítica ao processo de globalização promovido pela Agenda 21 como estratégia de centralização e de controlo de todos os sistemas, o que gera um clima de opressão na sociedade (Nord, 2019); excertos do programa “Negócios da Semana” emitido pela estação televisiva SIC Notícias (2019), cujo tema em debate abordou o favorecimento de negócios de amigos e de familiares de titulares de cargos públicos e aberturas de telejornais e de peças informativas relacionadas com a pandemia da Covid-19.

3.4. Contextualização dos temas do álbum

Do trabalho desenvolvido resultaram onze faixas interpretadas por mim e duas de carácter instrumental (faixas 1 e 13) acompanhadas por *samples*. O álbum apresenta duas partes – parte 1 constituída pelas 6 primeiras faixas e parte 2 as seguintes.

Apresento de seguida os títulos e uma breve contextualização de cada um dos temas:

- | | |
|------------------------------|---------------------------------|
| 1- INTRO (3:22) | 5- FORA DE MODA (3:38) |
| 2- AGENDA 21 (6:27) | 6- MANIFESTO ANTISISTEMA (5:06) |
| 3- CONVÉS DOS MORTAIS (3:49) | 7- PROBLEM (3:52) |
| 4- MÁFIA À PORTUGUESA (4:39) | |

8- CALAMIDADE PÚBLICA

(3:22)

9- SEM CONVERSA (2:46)

10- S'F#! TUDO (3:26)

11- TEMPUS (3:12)

12- CONSOME (2:50)

13- CAOS (OUTRO) (2:33)

O tema **INTRO** prepara-nos para o *mood* do álbum através de gestos marcadamente agressivos. A cadência rítmica invocadora de movimentos mecânicos e cíclicos, o ensurdecido som das buzinas e as vozes desconexas são reveladores de sons do nosso quotidiano, que ao serem percebidos em simultâneo expõem as falhas do ecossistema social e apresentam-nos uma sociedade débil, confusa e instável, o que leva a questionar se a humanidade é capaz de reverter este ciclo de autodestruição. Será esta capaz de se organizar por forma a encontrar o equilíbrio necessário para o bem-estar comum? O tema apresenta *samples* de intervenções que abordam temas como a revolução psicológica, a meditação, o conhecimento, a liberdade, as relações humanas, a natureza da mente, a origem do pensamento e a realização de mudanças positivas na sociedade global proferidas pelo filósofo Jiddu Krishnamurti.

Quanto à estrutura musical deste tema optei por uma progressão, aumentando gradualmente o nível de elementos musicais. Quanto ao formato de composição criei uma ambiência tribal cinematográfica.

O *tempo* e o ritmo têm um andamento rápido e progressivo; a melodia com sons graves e hesitantes flui lentamente; a tonalidade em modo menor e as harmonias tensas e dissonantes; os acordes são “fortes”, com notas graves e longas; o timbre de estilo fragmentado, texturas pesadas; notas com súbitas intensidades construindo um alto clímax; uma pausa que transmite desassossego, insegurança, falta geral de organização, sem padrão de forma. Destaco por fim as sensações de confusão, tremura e de caos.

O segundo tema, **AGENDA 21**, é inspirado no documento com o mesmo nome apresentado na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento em 1992 no Rio de Janeiro. Este documento sistematiza um plano de ações com o objetivo de alcançar o desenvolvimento sustentável, assente no lema “pensar globalmente, agir localmente” (Faria, s.d.).

Neste tema é feito o pedido à humanidade para que introduza pequenas mudanças na sua vida pessoal tendo em vista a melhoria do bem comum, algo que não é de fácil concretização, considerando os mais diversos interesses das sociedades.

A letra remete para uma sociedade corrupta na qual se vive um clima de opressão e de controlo – a constante vigilância e o registo de todos os nossos gestos por meio das tecnologias que utilizamos no dia-a-dia – resultado de uma distopia social criada pela própria humanidade.

O tema apresenta trechos sonoros de intervenções de Rose Koire (Nord, 2019) em que esta apresenta teorias as quais comprometem as verdadeiras intenções do documento Agenda 21.

Este tema segue uma estrutura musical regular – *intro, primeiro verso, refrão, segundo verso* e termina com o *refrão*.

O *tempo* e o ritmo são feitos de andamentos rápidos, com compassos e tempos certos e padrões rítmicos com acentuações. Quanto à melodia os sons são graves, fragmentados, estridentes, com timbres severos, em *staccato*, com muita variabilidade.

A tonalidade transmite a falta de um fio condutor e as harmonias são menores, tensas e dissonantes, com acordes “fortes”, notas graves e longas; o timbre é fragmentado e a textura pesada; as notas refletem súbitas intensidades construindo um alto clímax de raiva e de indignação. As frases e a estrutura são feitas de repetições, seguindo a estrutura musical do hip-hop, transmitindo desassossego e insegurança.

No tema **CONVÉS DOS MORTAIS** a metáfora “Terra = convés” leva o ouvinte numa viagem introspetiva, a questionar-se sobre o rumo da sua própria existência –

*“Luta pra ser alguém
Dizem “não és ninguém”
Tenta ir mais além
Para não confundirem
O que és, onde vais
São marés e reais
O que és? Onde vais? No convés dos mortais”*

Nesta viagem o ouvinte é constantemente incentivado a superar-se, a valorizar-se, numa escolha de vida só sua, consciente da fragilidade da sua efemeridade a bordo do *convés dos mortais*.

Este tema segue a estrutura – *intro, verso, refrão, verso, refrão*. O *tempo* e os ritmos são iguais ao do tema anterior. Apresenta mudanças em padrões rítmicos com acentuações devido à sua tonalidade em modo menor, pequenos intervalos e algumas dissonâncias. Este tema invoca uma ambiência de medo, mas também de superação. Timbre com sons graves e sobrepostos, notas sustentadas, longas, ligadas com bemol e com vibratos lentos. A intensidade é predominantemente *piano*, com poucas mudanças entre o *pp* e o *mf*. As frases são descendentes, com descidas de tons ou meios tons e com algumas repetições na estrutura.

MÁFIA À PORTUGUESA alerta para os jogos de poder, para a sociedade corrupta e para a desvalorização da meritocracia – “*Quem tem patamar não sai a perder, não ouvi falar, só ouvi dizer*”. O tema incorpora excertos de depoimentos emitidos no programa “Negócios da Semana” emitido na SIC Notícias, no dia 01-08-2019, subjacente ao tema “Políticos e negócios à mistura”.

Este tema segue uma estrutura semelhante aos dois temas anteriores, mas com um número de versos superior – *verso, refrão, verso, refrão, verso, refrão*.

O *tempo* e o ritmo são rápidos, de andamento fluente, vivo, saltitante; a melodia ascendente de notas agudas e de volume alto; a tonalidade é em modo maior e menor, a harmonia simples, clara e estruturada; a textura e o timbre brilhantes e animados, com muito *staccato*, sons fragmentados, estridentes, timbres severos; a intensidade tem poucas alterações e notas em registo médio; as frases e a estrutura são claras, previsíveis, com notas rápidas e curtas. De referir ainda níveis altos de energia, numa oscilação de raiva e euforia.

FORA DE MODA é inspirado no *boom bap* ao estilo dos anos 90, querendo assim marcar a intemporalidade deste estilo de produção musical, o qual se assume como referência na minha prática artística.

A letra espelha o meu sentimento de desilusão e frustração face à desvalorização dos jovens artistas de música hip-hop que ao pretenderem enveredar por uma carreira na indústria musical deparam-se com a falta de espaço no meio para a divulgação e visibilidade dos seus

trabalhos – “*Nesse insucesso eu sou submerso é nem disperso*” – numa clara afirmação de que o brilho do estrelato não está ao alcance de todos os artistas.

A estrutura deste tema é diferente dos demais, pois é composta apenas por versos e um verso cantado. O refrão é instrumental e deriva de um *sample* de uma música portuguesa que extraí de um disco de vinil. A estrutura apresenta a seguinte forma – *verso, verso, verso cantado, verso*.

O *tempo* apresenta andamentos rápidos, fluentes, saltitantes, com compassos e tempos certos e o ritmo mudanças em padrões rítmicos com acentuações; a tonalidade é em modo maior, com harmonias simples, claras, estruturadas, tensas e sonantes; os acordes são “fortes” com notas agudas, melodias ascendentes, com textura e timbre brilhante e animado. São poucas as alterações na intensidade e as notas encontram-se num registo médio. A frase e a estrutura transmitem desassossego, segurança e insegurança – reflexo do meu constante conflito interno.

O **MANIFESTO ANTISSISTEMA** faz a ponte para a segunda parte do álbum. O tema contém um poema marcado por palavras de revolta e de alienação da vida – um misto de amor à verdadeira arte e à raiva de viver; uma ode ao efêmero, ao vazio e ao egocentrismo do ser humano, capaz de tudo para atingir os seus fins. A elaboração deste tema teve como inspiração o *Manifesto Anti-Dantas* de Almada Negreiros (1915) e o *Manifesto Anti-Cavaco* (1995), uma adaptação do texto original aos tempos modernos elaborada pelo ator Mário Viegas.

A estrutura apresenta-se diferente de todos os outros temas, pois declamo um poema musicado. É composta por *verso, primeiro drop, verso, primeiro drop, ponte, segundo drop*. Neste tema estabeleço uma ponte entre o *boom bap* e o *trap*, pelo que este tema apresenta dois tipos de ambiência.

Num primeiro momento (desde o primeiro verso até à ponte) o *tempo* e o ritmo são rápidos, de andamento fluente, vivo e saltitante; a melodia tem notas agudas e alto volume, com melodias ascendentes; a tonalidade em modo maior e a harmonia simples, clara e estruturada; o timbre e a textura brilhantes e animados, com *staccatos*; a intensidade com poucas alterações e notas em registo médio; a frase e a estrutura são claras, previsíveis, com notas rápidas e curtas.

Depois, na fase de transformação do tema (na ponte), o *tempo* e o ritmo mantêm o andamento rápido, com compassos e tempos certos; a melodia apresenta sons graves; a harmonia menor, tensa e dissonante com ausência de um fio condutor da tonalidade; os acordes

“fortes”, com notas graves e longas. O timbre é marcado por texturas pesadas; a intensidade de notas constrói um alto clímax. A frase e a estrutura transmitem desassossego, raiva, uma falta geral de organização.

A segunda parte do álbum abre com **PROBLEM**, um tema de *dubstep* que invoca um estado de espírito de constante desassossego e perturbação. A letra é alusiva à sobrecarga de estímulos sensoriais, às consequências ligadas ao consumo de cannabis e à pressão de grupo – uma série de imagens metafóricas promotoras da legalização do consumo desta substância.

O tema apresenta uma estrutura simples, com apenas dois versos e em vez do refrão é apresentado um *drop* de *dubstep* – *verso, drop, verso, drop*.

O *tempo* é reduzido para metade e o ritmo é marcado por andamento quebrado, com mudanças súbitas em padrões melódicos e com acentuações; a melodia é imprevisível e ausente, de sons graves, atonal e em modo menor. Os timbres são severos e a textura fragmentada e estridente; a intensidade oscila entre o *forte* e o *fortíssimo* com sons distorcidos e fortes; a frase tem repetições na forma e na estrutura.

CALAMIDADE PÚBLICA foi inspirado nas vivências da pandemia da Covid-19, despoletada no decorrer do desenvolvimento do projeto. Considero que o novo contexto social influenciou o processo criativo deste álbum, daí a pertinência em abordar as minhas vivências aquando do estado pandémico num dos temas integrantes do projeto.

As medidas tomadas pelo governo português no combate à pandemia impuseram a adoção de comportamentos sociais disruptivos e inéditos não experienciados até à data no presente século em Portugal, como o uso obrigatório de máscara, a limitação do contato físico, as restrições ao desenvolvimento de atividades culturais, as limitações à circulação no espaço público com o intuito maior de conter a evolução do vírus e evitar um impacto catastrófico no sistema económico do país.

Este tema invoca sensações de claustrofobia e evidencia a exploração exaustiva da pandemia pelos meios de comunicação social. Assim, o tema tem início com diversos sons de excertos de aberturas de telejornais e de peças informativas relacionadas com a pandemia, desenvolvendo-se num ambiente musical “sujo” e “agressivo”, representativo de um estado de espírito de constante desassossego. Considerando a falta de respostas claras quanto ao fim da

pandemia (aquando da elaboração do projeto) a conclusão do tema fica em suspenso, sem remate final, através de *fade out*.

Este tema apresenta uma estrutura diferente das demais, pois apresenta um verso que se repete. O tema encontra-se estruturado da seguinte forma – *verso repetido, verso, refrão, verso repetido, verso, refrão, verso, refrão*.

O *tempo* e o ritmo de andamento rápido, com mudanças súbitas em padrões rítmicos e melódicos, com acentuações em alguns pontos; as melodias são graves e imprevisíveis; a harmonia em modo menor e muitas vezes atonal, apresenta algumas dissonâncias e harmonias tensas; timbres severos e a textura fragmentada e estridente; intensidade *fortissimo*, com sons distorcidos e fortes. Quanto à frase são apresentadas repetições e a forma e a estrutura é invulgar.

O tema **SEM CONVERSA** é apresentado como uma demonstração de talento rítmico e de métrica, no qual apresento reflexões sobre o modo como me posiciono perante o mundo, as dificuldades sentidas em me integrar na sociedade e a imagem que exteriorizo de mim próprio.

O refrão da música dá conta que vivo no espaço (sideral), ilustrando metaforicamente um sentimento de exclusão e de dificuldades de integração no mundo real, o que originou um cansaço interior e um desinteresse pelos da minha espécie. Ao renegar a essência humana afirmo uma posição alienígena, a qual utopicamente me permitirá elevar o espírito e a mente.

A estrutura deste tema é mais convencional. É composta por – verso, refrão, verso, refrão.

O *tempo* e o ritmo rápidos, com um andamento fluente, vivo e saltitante; a melodia ascendente com notas agudas; a tonalidade em modo maior e a harmonia simples, clara e estruturada; textura e timbre brilhantes e animados. A intensidade com poucas variações e notas situadas num registo médio; a frase e a estrutura são claras, previsíveis, com notas rápidas e curtas.

O tema **S'F#! TUDO** é uma manifestação dos meus conflitos interiores, um desabafo pessoal relativo aos meus ataques de ansiedade, aos dias de agonia e às noites que passo sem dormir em busca de uma estratégia para viver da música. A rotina louca e exaustiva de uma

nova vida numa cidade que não para, tal como a minha cabeça, serviu de mote à elaboração deste tema.

Este tema tem uma estrutura simples – *intro, verso, refrão, verso, refrão*.

O *tempo* de pulsação lenta e o ritmo “suave”, com mudanças mínimas em padrões melódicos com acentuações; a melodia vai fluindo lentamente; a tonalidade é em modo menor com pequenos intervalos e algumas dissonâncias; o timbre consiste em sons graves, notas com bemol, vibratos lentos; a textura composta por notas sustentadas de sons individuais, longos, ligados e sobrepostos. A intensidade é predominantemente *forte*, com poucas mudanças entre o *mf* e o *forte*. As frases descendentes, com descidas de tons ou meios tons.

TEMPUS, do latim, refere-se ao termo “tempo”. Este tema é contra a manipulação, o sistema de ensino atual, os meios de comunicação social, em suma contra o sistema vigente. É o mote para o início de uma revolta, de uma manifestação que tem em vista a libertação do espírito. Este tema foi composto como dedicatória a todos os vanguardistas e inconformados com o sistema em que vivemos –

“Olha só prò sistema, se tudo vale a pena

Não há luz no meu tema

Se falam o povo ordena”

“Hoje sinto que a vida não anda bem

Estás preso ao sistema e não és refém (e não és refém)”

Com este tema pretendi fundir os estilos musicais *drill* e *screamo trap*. O verso tem um estilo de *drill* e o refrão de *screamo trap*, a estrutura do tema segue a ordem – *verso, refrão, verso, refrão, verso, refrão, verso cantado*.

O *tempo* e o ritmo de andamento rápido, desigual, incerto, com mudanças súbitas nos padrões rítmicos e melódicos com acentuações; a melodia é composta por sons graves; a tonalidade é em modo menor com falta de um fio condutor; as harmonias são tensas e dissonantes com acordes “fortes”, com notas graves e longas; o timbre é fragmentado e as texturas pesadas; a intensidade nas notas reflete-se na construção de um alto clímax no refrão; a frase transmite desassossego e raiva.

O tema **CONSUME** introduz no álbum uma nova mensagem referente à sociedade de consumo e à exagerada importância dada à imagem exterior. É uma crítica à nova geração, apresentando-a desprovida de sentimentos, de mente oca, consumista, que aposta mais no “parecer” do que no “ser”.

A estrutura deste tema segue também a prática mais convencional – *verso, refrão, verso, refrão*.

O *tempo* é composto por um andamento rápido com compassos e tempos certos; a melodia tem sons graves; a tonalidade é menor; as harmonias são tensas e dissonantes, os acordes são “fortes”, com notas graves e longas; o timbre é feito de sons severos, fragmentados, estridentes e de notas com súbitas intensidades que constroem um clímax *fortíssimo* com sonoridades distorcidas.

O último tema do álbum intitulado **CAOS (OUTRO)** pretende pelo uso de sons estridentes, “sujos” e “agressivos” criar uma alegoria sobre a destruição do planeta e o caminho para a distopia. Tendo como inspiração a crise social e económica instaurada pela pandemia da Covid-19, faço um esboço do iminente colapso mundial, da iminente crise económica, referindo igualmente as alterações climáticas e as catástrofes naturais, conseqüentes da atividade humana. A alegoria apresentada concretiza uma visão futurista do mundo, na qual o legado humano é suplantado pelas máquinas.

Tratando-se de um tema puramente instrumental, optei por uma forma e estrutura simples – *intro, verso, break, drop, verso, break, drop* e conclusão abrupta.

O *tempo* e o ritmo são rápidos, com andamento fluente, vivo, mudanças súbitas em padrões rítmicos e melódicos com acentuações; a melodia é ascendente, imprevisível e por vezes ausente e é composta por notas agudas e graves, de volume sonoro alto; a tonalidade em modo menor e as frases atonais. O timbre é brilhante, mas ao mesmo tempo obscuro, com muito *staccato*, sons fragmentados, estridentes, severos, distorcidos e fortes, com poucas alterações na intensidade e as notas em registo médio; as frases são imprevisíveis, as notas rápidas e curtas.

3.5. Sessões de gravação de voz

Num primeiro momento, procedi à realização das sessões de gravação sozinho, o que implicou assumir o papel de técnico de gravação e o papel de artista performativo. Esta

estratégia de produção revelou-se pouco eficaz, pois senti-me sobrecarregado, o que consequentemente afetou a minha concentração, desempenho vocal e o rigor das operações técnicas, tendo cometido algumas falhas, como a omissão da utilização de *pop-filter*, o que enfatizou a captação das consoantes oclusivas “B”, “P” e “T”.

A realização simultânea das duas tarefas (de técnico de gravação e intérprete) levou-me a gravar um número considerável de *takes* em cada um dos temas, de modo a obter registos sonoros com o desempenho vocal pretendido pelo que foi necessário alargar o período de trabalho estipulado à fase de edição, por forma a proceder à seleção das melhores gravações e à elaboração dos *vocal comps*.

A utilização de microfonia de fita foi uma novidade no meu processo de trabalho, o que me permitiu consolidar a formação obtida nas unidades curriculares de produção de som do 1º ano do mestrado e os conteúdos relacionados com as especificidades da operação desta tipologia de microfonia. Por ter sido necessário aumentar consideravelmente o nível de pré-amplificação para obter um nível sonoro adequado, as gravações apresentaram ruído de fundo. Por outro lado, a captação através de microfonia a válvulas decorreu sem grandes percalços e proporcionou uma sonoridade mais limpa do que a do microfone de fita.

Os últimos quatro temas foram gravados com a ajuda do colega Miguel Araújo que assumiu o papel de técnico de gravação. Assim, foquei-me apenas no meu desempenho vocal, o que possibilitou a obtenção de registos sonoros com uma qualidade e desempenho vocal superiores, contudo foi ainda necessário proceder à edição e ao tratamento das gravações, à sua limpeza, organização e retificação de incoerências sonoras.

Por não me ter posicionado a uma distância constante do microfone, verificaram-se variações no nível sonoro captado e incoerências sonoras, consequentes do efeito de proximidade e da coloração fora do eixo do microfone. Como tal, foi necessário aplicar processamentos de dinâmica mais intensivos de modo a estabelecer uma coerência sonora da voz em cada um dos temas. A aplicação dos processamentos anteriormente referidos teve em vista colmatar necessidades técnicas e não tanto de teor estético.

A **equalização** aplicada à voz pretendeu cortar frequências abaixo dos 50 Hz onde reside o ruído ambiente do estúdio, com filtro passa-alto; cortar acima dos 15 kHz para eliminar informação desnecessária, com um filtro passa-baixo; atenuar as sibilantes por volta dos 4-8 kHz e atenuar arbitrariamente (de tema para tema) a gama dos médio-graves, por forma a reduzir o efeito de “boominess”, presente por vezes nas vozes masculinas mais graves, e assim garantir a inteligibilidade do discurso.



Figura 4 – Equalização da voz

A aplicação de compressão na voz com um rácio de 3.2.1 permitiu que esta perfurasse na mistura, mas sem evidenciar a redução de dinâmica.

As sessões de gravação efetuaram-se no Estúdio de Produção Musical da Escola das Artes, no Estúdio de *Surround* da referida instituição e no meu estúdio pessoal. Dos três locais onde efetuei gravações, considero o meu estúdio o que apresentou uma acústica mais adequada ao registo de voz devido à sua reduzida dimensão e à eficácia da sua acústica. O Estúdio de *Surround* revelou-se muito reflexivo, daí apenas ter gravado um tema nesse espaço. O Estúdio de Produção Musical apresentou “som de sala” audível, devido à sua dimensão por se tratar de um estúdio multifunções, direcionado para a captação multipista.

3.6. Edição, mistura e processamento

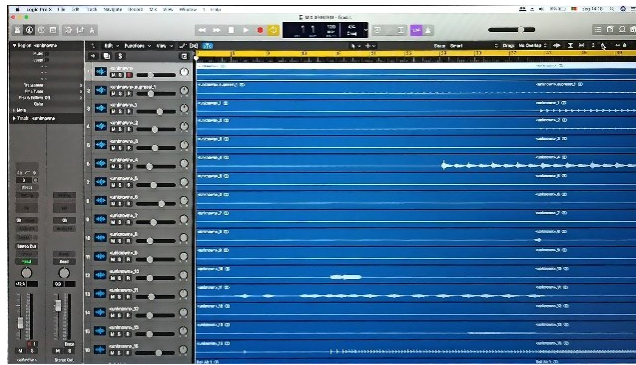


Figura 5 - Sessão do DAW do tema *INTRO*. Imagem do autor.

Após a realização das sessões de gravação, sucederam-se as fases de edição das gravações de voz, de mistura e de processamento.

Adotei uma estratégia de mistura centrada na componente instrumental. Neste sentido, efetuei num primeiro momento a pré-mistura dos instrumentais, posteriormente a edição da componente vocal e por fim a mistura final com a componente instrumental e lírica.

No processo de edição elaborei três *vocal comps* com as secções dos melhores *takes* de voz – um com a voz principal e outros dois com as vozes de fundo. Adicionalmente, procedi ao *print (bounce in place)* dos três *comps* para melhorar a organização da sessão de trabalho e otimizar o desempenho do computador. No tratamento das vozes foram retificadas as incoerências de nível através do ajuste manual do ganho e da aplicação do *plug-in* Vocal Rider da Waves; o equalizador Pro-Q 3 da FabFilter limpou o “som de sala” e clarificou a voz; o *d-esser* nativo do Logic X atenuou as sibilantes e a aplicação de compressão ajudou a atenuar as consoantes oclusivas. A aplicação de compressão tornou o discurso mais claro e permitiu que a voz “perfurasse” na mistura final.

No processo de mistura (e posteriormente na masterização) contei com o apoio do colega Miguel Araújo. Considerei pertinente nesta etapa ter como colaborador alguém emocionalmente afastado do projeto por forma a obter um parecer imparcial do estado do mesmo e dos aspetos a melhorar. Contei adicionalmente com o *feedback* de amigos e de colegas de curso, cujas sugestões foram importantes para a depuração final das misturas.

Dos processamentos de som aplicados no trabalho considero pertinente realçar a aplicação de compressão através de *side-chain*, de modo a reforçar a presença dos elementos fundamentais do hip-hop – o bombo, a tarola e os baixos. A aplicação de equalização nas diversas componentes do instrumental permitiu posicionar cada elemento sonoro no seu espaço

próprio, contribuindo desta forma para o equilíbrio da mistura e para a clareza de todas as sonoridades.

Nos estilos musicais explorados a componente do baixo encontra-se habitualmente muito presente pelo que através de processamento em paralelo, numa via auxiliar, se processou o baixo com distorção e equalização de modo a criar o timbre e a coloração pretendida. Face ao sucesso desta estratégia, procedi à sua replicação para outros elementos sonoros.

A presença da tarola foi evidenciada com a aplicação de compressão e aplicação de reverberação por via auxiliar. O efeito de reverberação utilizado foi o Pro R da Fabfilter, o qual atua simultaneamente como equalizador, permitindo selecionar a gama de frequências em que este atua.

Relativamente à parte rítmica o trabalho desenvolveu-se em torno do *design* de som, especificamente no tratamento dos pratos pequenos e na aplicação de ajuste de tom (*pitch*). Na parte melódica, os elementos sonoros que pretendi destacar em cada tema foram complementados com efeitos de reverberação, distorção e alteração de tom por processamento em paralelo.

O processamento de efeitos na voz variou consoante o tema. Quanto ao processamento em série foram aplicados alterações de tom e *auto-tune*, o que me permitiu trabalhar a voz de uma forma mais criativa, sendo os exemplos mais evidentes os temas **MANIFESTO ANTISSISTEMA**, **SEM CONVERSA** e **CONSUME**. O efeito de *delay*, a alteração de tom, a distorção e a reverberação com compressão⁶ foram aplicados em paralelo, por forma a garantir a mistura da quantidade certa do efeito com o do sinal (original) processado em série. A presença na mistura dos sinais processados em paralelo acontece principalmente nos refrões.

Apresento de seguida as estratégias de produção aplicadas em cada tema. Em **INTRO**, primeiro tema do álbum, não apliquei muito processamento devido ao elevado número de pistas (60 pistas). Optei por aplicar apenas alguns *reverbs* em certas partes para criar uma ambiência e um *convolution reverb*, tornando assim os sons mais reais. Depois de compor o tema fiz *bounce and replace all tracks* – estratégia que efetuei em todos os temas de modo a otimizar os recursos do processador do computador. A mistura deste tema e de todos os outros efetuou-se tendo como referência de *headroom* -6 dB. Separei os elementos por grupos – percussão, instrumentos e baixos e criei um *bus* para cada grupo, tendo aplicado compressão nos baixos

⁶ A aplicação de compressão à reverberação teve em vista ajustar minuciosamente a dimensão espacial do efeito.

para estes “furarem” a mistura; na percussão isolei a tarola e apliquei-lhe um breve *reverb* para ter mais presença; isolei o bombo para ajustar ligeiramente a equalização, tendo cortado as frequências até aos 50 Hz e “puxado” algumas frequências entre os 1000 e 2000 Hz mais agudas para ter mais ataque.

Depois de completar a mistura instrumental trabalhei as vozes (*samples*) isoladamente para limpar certas ressonâncias, tendo aplicado um filtro passa-alto de -24 dB aos 73 Hz; apliquei ainda alguns cortes em Q e filtros de passa-banda em algumas frequências, pois entravam em ressonância com o resto da mistura. Apliquei por fim um corte de -15 dB aos 184 Hz, -22 dB aos 425 Hz, -24 dB aos 750 Hz e por último -24 dB aos 2700 Hz.

O tema **AGENDA 21** contém 33 pistas. Na fase de criação não prestei muita atenção aos níveis de volume, o que fez com que estes ultrapassassem os 0 dB na *master*. Efetuei praticamente a mesma estratégia de trabalho aplicada no tema anterior, ainda que com ligeiras diferenças. Na fase de criação apliquei processamentos somente no trombone, pois quis dar-lhe outra coloração a nível estético, tendo aumentado o nível da gama de frequências por volta dos 1 kHz. Numa das vozes apliquei um compressor para esta “furar” a mistura, com os parâmetros *threshold* -23 dB, *ratio* 5.2:1, *makeup* 3.5 dB.



Figura 6 – Compressor voz AGENDA21

Depois da compressão decidi equalizar, pois pretendia uma voz robótica, como se viesse de outra dimensão, pelo que apliquei um filtro de passa-alto a -24 dB aos 305 Hz, um filtro passa-baixo -24 dB aos 20 kHz, apliquei também alguns Q em certas frequências como por exemplo -24 dB nos 455 Hz, -24 dB nos 730 Hz e por último -24 dB nos 1720 Hz.

Depois deste processo apliquei *bounce and replace all tracks* para reduzir o processamento da sessão. Foquei-me também no bombo, tendo em primeiro lugar aplicado um compressor com *threshold -20 dB, ratio 2.1:1, makeup 0 dB, attack 15.0 ms, release 51.0 ms* e como o bombo após este processo ainda não estava a “furar” a mistura, decidi aplicar distorção. Para a tarola o processo foi ligeiramente diferente – criei um *bus* onde apliquei algum *reverb* para esta não ficar tão “seca” e assim criar uma “cama” de fundo.

Iniciei o processo de mistura reduzindo o nível de todas as faixas a “menos infinito” e fui aumentando os níveis até a mistura rondar os -6 dB. Posteriormente efetuou-se a masterização.

No tema **CONVÉS DOS MORTAIS** apliquei uma equalização em certos instrumentos para tratar o timbre; usei um *sample* de viola, o qual não estava a gostar do seu timbre, pelo que apliquei uma equalização com filtro passa-alto a -24 dB aos 980 Hz e um filtro passa-baixo a -24 dB aos 9 kHz. Num conjunto de cordas apliquei equalização com um filtro passa-alto a -48 dB aos 40 Hz e um filtro passa-baixo a -48 dB aos 3,8 kHz, por fim apliquei um Q a -24 dB nos 425 Hz. Como não estava agradado com o timbre dos baixos apliquei uma equalização suave com apenas um filtro de passa-alto a -24 dB aos 47,5 Hz e uma distorção com o WOW2. Acrescentei algumas sirenes e rádios da polícia para complementar a abertura do tema.

No tema **MÁFIA PORTUGUESA** pretendi transmitir uma vertente mais ligada ao *jazz* pelo que na fase de criação mantive os timbres originais dos instrumentos e apliquei *convolution reverbs* para conferir algum realismo através da simulação acústica dos sons num espaço físico.



Figura 7- Convolution Reverb

Apliquei uma ligeira equalização no bombo com um filtro passa-banda a -24 dB nos 49 Hz, a tarola foi comprimida com *threshold -14 dB, ratio de 2.2:1 makeup 8.5 dB attack 5.5 ms* e *release 150.0 ms*. Depois deste processo apliquei *bounce and replace all tracks*. A pré-mistura que havia efetuado já se encontrava bem equilibrada pelo que apenas tive de garantir o nível de *headroom* a -6 dB.

A criação do tema **FORA DE MODA** partiu da escuta de discos de vinil. Encontrei o *sample* pretendido ao experimentar escutar um disco em velocidade mais lenta (*pitch down*) e depois em velocidade mais acelerada (*pitch up*) e assim surgiu a ideia do *beat* deste tema. Depois foi só encontrar o BPM do *sample* e começar logo a trabalhar. Apliquei alguns efeitos como o Looperator, o Step FX (ferramenta nativa do Logic X) e alguma distorção nos baixos para mudar o timbre. Depois do instrumental estar construído apliquei o *bounce and replace all tracks*. Aquando do processo de mistura apliquei alguma distorção no baixo e no bombo para “furarem” melhor. Depois de efetuar todos estes processos o tema encontrava-se pronto para a masterização.

No **MANIFESTO ANTISISTEMA** comecei por trabalhar com um *sample* de *electro swing*, cujo *tempo* se enquadrava no género hip-hop, a 92 BPM⁷. O processo de trabalho foi idêntico ao do tema anterior, tendo utilizado o Looperator e o Step FX. Apliquei uma ligeira equalização no bombo com um filtro passa-alto a -24 dB aos 40 Hz e uma pequena distorção nos baixos. Este tema é a ponte para os temas seguintes do álbum mais ligados à eletrónica, pelo que aumentei gradualmente o BPM de 92 para 140.

O tema seguinte, **PROBLEM**, remete para o universo da música eletrónica. Um *sample* da minha biblioteca de sons, o qual manipulei com o WOW2, serviu de inspiração a esta composição. Na fase de criação, apenas apliquei distorções em cima de distorções. Este tema foi concebido à base da experimentação, tendo utilizado o *sampler* nativo do DAW Logic X, o EXS24 e o RAW.



Figura 8 – WOW2

⁷ Tendo como referência a informação publicada em <https://www.izotope.com/en/learn/using-different-tempos-to-make-beats-for-different-genres.html> (consultada a 10 de dezembro de 2020).

O tema **CALAMIDADE PÚBLICA** desrespeita completamente o hip-hop e o *trap*. Decidi fugir completamente à estética do que tinha realizado até então, apropriando-me de uma batida de metal à qual apliquei o WOW2 para mudar o timbre conferindo-lhe, assim, uma nova “vida”. A parte melódica foi efetuada no RAW, com sobreposições de distorção tendo resultado numa sonoridade suja e agressiva.



Figura 9 - RAW

O tema **SEM CONVERSA** Partiu de um *sample* de batida da empresa Cymatics. Neste tema trabalhei com sons limpos, exceto nos baixos onde apliquei alguma distorção, não tendo aplicado equalização nem compressão.

O tema **S’F#! TUDO**, de *trap*, foi produzido seguindo uma estratégia de produção baseada no aproveitamento de material *ready-made*, tendo recorrido a um *sample* e a uma batida da Cymatics e construído um *beat*. Alterei o *sample* com o Step FX e o WOW2 para o diferenciar do original. Adicionei outros *samples* e um baixo 808.

TEMPUS contém 70 pistas por se tratar de um tema que engloba os estilos musicais *drill* e *screamo trap*, pelo que precisei de um vasto leque de timbres para proceder à composição. Apliquei equalização para modificar o timbre de alguns elementos como o órgão, onde usei um filtro passa-alto a -24 dB a cortar até 1080 Hz, um filtro passa-baixo a -24 dB aos 4650 Hz, apliquei também alguma compressão no baixo 808 com o *threshold* a -20 dB, *ratio* 2.1:1, *makeup* 0 dB, *knee* 0.7, *attack* 15.0 ms e *release* 51.0 ms. Depois do instrumental estar finalizado e as multipistas organizadas, iniciei a mistura começando por reduzir o nível de todas as faixas, aumentado gradualmente os níveis até a mistura se situar a -6 dB.

3.7. Processo de masterização

No processo de elaboração do registo *master* de cada tema, pretendi otimizar o conteúdo do “programa” de modo a obter o melhor som possível, reforçar a coerência entre todos os temas do álbum e garantir a sua reprodução da melhor forma em todos os sistemas e formatos de distribuição.

Nesta fase de trabalho os processamentos foram aplicados no sinal da *master* (a saída final de cada sessão de trabalho) para que os ajustes a efetuar abrangessem cada tema na sua totalidade.

A aplicação de equalização corrigiu o equilíbrio da mistura, principalmente na gama dos agudos, tendo acentuado certos elementos sonoros através do reforço dos “brilhos” com ajuste de equalização. Por fim, a aplicação de compressão multibanda ajudou a retificar algumas microdinâmicas e juntamente com a aplicação de limitador, ajustei o nível sonoro e o *headroom* de modo a maximizar o volume final de cada tema, contribuindo desta forma para a coerência do álbum.

4. Reflexão crítica e perspectivas futuras

A minha entrega à elaboração de um álbum durante um ano foi, efetivamente, um grande compromisso e de certa forma um “salto de fé”. Este foi o meu primeiro projeto de álbum a solo, em que coloquei à prova toda a formação obtida na Escola das Artes.

A elaboração deste projeto apresentou muitos desafios e alguns constrangimentos – por um lado estava muito motivado, pois estava a produzir temas com letra original, assentes numa linguagem e estética musical com a qual me identifico; por outro lado a situação pandémica causada pela Covid-19 e a minha relativa inexperiência em elaborar um projeto de tamanha envergadura influenciou o meu estado de espírito e afetou a rentabilização do trabalho desenvolvido.

A elaboração de um álbum de estreia a solo, no qual produziria a composição instrumental e lírica e assumiria funções de teor mais técnico e artístico permitiu-me evoluir consideravelmente e solidificar a estética e as mensagens que pretendo veicular com o meu corpo de trabalho, concretamente o regressar às minhas origens musicais no hip-hop. Ainda estou à procura do meu equilíbrio e de me encontrar na música, mas considero que esta experiência me permitiu obter um *know-how* que será valioso aquando da elaboração de projetos futuros, assinados a solo, em grupo ou para clientes.

Com este projeto aprendi a organizar melhor a estrutura do meu método de trabalho, pelo que futuramente pretendo planejar as sessões de gravação de voz com maior cuidado, evitar a repetição excessiva de *takes* e realizar a mistura através de grupos ou *stems* de modo a agilizar esta etapa de produção.

Concluo esta etapa do meu percurso académico seguro de que evoluí notavelmente a nível musical e sinto-me preparado para integrar o mercado de trabalho no ramo da produção musical e no ramo do *design* de som.

Bibliografia e outras referências

- Abreu, R. M. (Ed.). (11 de agosto de 2015). *Hip hop: do Bronx para o Mundo*. Obtido em 26 de novembro de 2019, de Rimas e Batidas: <https://www.rimasebatidas.pt/hip-hop-do-bronx-para-o-mundo/>
- Abreu, R. M. (1 de janeiro de 2020). *Como nasceu o hip-hop em Portugal. Dos bairros suburbanos para todo o país*. Obtido em 8 de janeiro de 2020, de Blitz: <https://blitz.pt/principal/update/2020-01-01-Como-nasceu-o-hip-hop-em-Portugal.-Dos-bairros-suburbanos-para-todo-o-pais>
- Chullage. (s.d.). *Home*. Obtido de Página web do rapper Chullage: <https://chullage.org/>
- DoYouFeelLucky. (23 de maio de 2016). *Evolution of Society - Jiddu Krishnamurti*. Obtido de Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=1EnYBK-BYto>
- Faria, C. (s.d.). *Agenda 21*. Obtido em 25 de maio de 2020, de Info Escola: <https://www.infoescola.com/geografia/agenda-21/>
- Fernandes, C. B. (2010). *Cor, Ritmo e Movimento: hip-hop, definição e suas influências na contemporaneidade*. Aveiro: Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte. Obtido em 30 de novembro de 2020
- Fradique, T. (2003). *Fixar o movimento – representações da música RAP em Portugal*. Lisboa: Dom Quixote.
- Frazão, D. (s.d.). *Biografia de Immanuel Kant*. Obtido em 26 de novembro de 2019, de eBiografia: https://www.ebiografia.com/immanuel_kant/
- Izotope. (10 de julho de 2014). *Using Different Tempos to Make Beats for Different Genres*. Obtido de Izotope: <https://www.izotope.com/en/learn/using-different-tempos-to-make-beats-for-different-genres.html>
- Júnior, F. C. (2020). *Rap e ativismo político no espaço lusófono*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Krishnamurti, J. (25 de fevereiro de 1974). O que devo fazer neste mundo? (D. Anderson, Entrevistador) San Diego. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=-yBi6-IomI4>
- Mariaca, R. (2005). Decifrando esse planeta hip-hop, n.º1. Em *Planeta Hip-Hop*. São Paulo: Editora Escala.

- Marques, M. P. (2014). *Sistemas e Técnicas de Produção Áudio*. Lisboa: FCA - Editora de Informática, Lda.
- Negreiros, J. A. (1915). Manifesto Anti-Dantas. Em *Revista Orpheu*.
- Nord, J. (30 de maio de 2019). *Rosa Koire. UN Agenda 2030 exposed*. Obtido de Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=3PrY7nFbwAY>
- Pierre, S. (1966). *Traité des objets musicaux*. Paris: Editions du Seuil.
- Russolo, L. (1916). *L'arte dei rumori*. Edizioni futuriste di poesia.
- Santos, M. (8 de maio de 2019). *Public Enemy: o segredo está na mensagem*. Obtido em 15 de outubro de 2019, de Rimas e Batidas: <https://www.rimasebatidas.pt/public-enemy-o-segredo-esta-na-mensagem/>
- SIC Notícias. (1 de agosto de 2019). Programa Negócios da Semana. *Políticos e negócios à mistura*. Paço de Arcos. Obtido de <https://sicnoticias.pt/programas/negociosdasemana/2019-08-01-Politicos-e-negocios-a-mistura>
- Tempo, T. (s.d.). *Biography, DJ Kool Herc The Father of Hip Hop*. Obtido em 28 de novembro de 2019, de DJ Kool Herc: <https://www.djkoolherc.com/copy-of-bio>
- The MIDI Association. (2020). *Details about MIDI 2.0™, MIDI-CI, Profiles and Property Exchange*. Obtido de MIDI Association: <https://www.midi.org/midi-articles/details-about-midi-2-0-midi-ci-profiles-and-property-exchange>
- Vidon, G. R. (2007). *Identidades discursivas no Rap de Mv Bill e Racionais MC's*. Três Corações, Minas Gerais: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações; Fundação Comunitária Tricordiana de Educação.
- Vidon, G. R. (2014). *A narrativa do hip hop e suas interfaces com o contexto educacional*. Vitória, Brasil: Universidade Federal do Espírito Santo.
- Viegas, M. (1995). *Manifesto Anti-Cavaco*. Lisboa. Obtido em 15 de julho de 2020, de https://issuu.com/ucd25/docs/nreg_8240

Anexos

Anexo A – Letra dos temas

1 – INTRO

Tema instrumental

2 - AGENDA 21

Verso 1

Acorda, concorda

Que a vida ‘tá “f...”

Que a corda incomoda

Discorda e transborda

Se sinto é sentimento

Nem sempre entende

Eu juro tento ter argumento

Eu juro tento

Se cai não tem

Se vai não vem

Se és mais refém

Motivo tem

Depressa acorda

Acaba tudo

E é tudo mal

Mundo global é abismal

É tudo igual, mundo animal

Leão, mosquito, tudo bonito

Insisto e grito

No fundo evito

Economia ou mordomia por fasquia

Se a vida é Fria

Se não tens conforto

Se és preto és roto

Se és branco és porco

Se és grande és morto

Então, então

Eu mostro à praça o que é farsa

Viva o controlo, só nos querem controlar

Sou mais um tolo qu’inda vais ouvir falar

Mas o inferno inda ‘tá pra começar

Viva o governo, só nos vai impressionar

Só não entendo como podemos lutar

Só não me vendo se não vais poder pagar

Mas hoje sem guita não te vais concretizar
e quem tem mais só te vai poder pisar

Que azar...

E não há cura para a fome, enquanto houver
capitalistas aqui verdades são escritas

Refrão

Sinto muito meu assunto

Hoje há muito pra falar

‘Tamos presos num sistema, só nos quero
libertar

Sinto muito meu assunto

Não me vais poder calar

Sinto que o povo é burro só os quero libertar

Verso 2

Hipocrisia social

É o governo mundial
Dão injeção no capital
Como é que pode ser normal?
E sem mudança radical é tudo igual (tudo igual)
Só sou sinal pra Revolução
É letal a compreensão
E vital manter posição
Viva o poder
Quem vai perder
Lutar sofrer
Não vou ceder ao rei Supremo
Não perco o termo
Num mundo ermo
Qualquer governo
É só mentira e tira e tira
O mundo gira
Ninguém respira
Só com ordenado mínimo
Ficas ofuscado e tímido
Ou mais revoltado é “tipic”
Está tudo ocultado é “cynic-”
E é sinistro querer ser artista
E se invisto sou idealista
E se insisto mudar de vista
Só persisto pela conquista
Sou “artivista”
Então pensa e pensa bem
Ou se compensa viver sem capacidade ou igualdade
De liberdade, só crueldade
Dificuldade da realidade

Nem sanidade traz a verdade
Só sujidade vem da cidade
Sem piedade
Tanta maldade na humanidade
Por posição
Monstruosidade
Conspiração
Banalidade
É conclusão
Mas sem razão
Para a ingratidão
Nem coração
Nesta explosão
Quem luta cai
Tu escuta vai
E cultivai um belo mundo
Mais profundo

Refrão

3 - CONVÉS DOS MORTAIS

Verso 1

Sinto, qu'inda sou
Aquele que te mudou
Nã, nã nunca parou
Até ao fim eu vou
É rap e *trap*
Boom bap a “track”
Não vim por cheque
“Oh no!”
Se lutei foi pra estar “pro”
Não vim pra dar dó
Até te dar nó

Rapper do ano
O mais insano
Escrevo e derramo
Hip-hop eu amo
Nasci prò ramo
Como vivo
Já ninguém entende
Se sobrevivo
“Ya” isso depende
Hoje nada morre
Tu corre, discorre
Suporte
Sê forte
Que a vida é bruta traz mais contas ninguém
desfruta a juntar pontas
A juntar pouco “Ya” fico “loco” a dar em
“roco” “ya” sabe a pouco “ya” sabe a pouco
Dinheiro vai mas dinheiro vem
Sim ‘tou na luta mas não sou refém
Querem esperança ou ter capital
Pra mim bonança é ser musical
E no fundo queria mudar o mundo, sem
parar um segundo e já ninguém confundo
que o que eu sinto é só tinta e o instinto é
que pinta, minha escrita é distinta
Com uma alma extinta (é extinta, é extinta)

Refrão

Luta pra ser alguém
Dizem “não és ninguém”
Tenta ir mais além
Para não confundirem
O que és, onde vais
São marés e reais
O que és? Onde vais? No convés dos
mortais

Verso 2

Nasci no paraíso, conheci o inferno
Isto é mais do que preciso de falar do meu
caderno
De lutar pra ser eterno
E deixar de ser um verme
Sou mais um germicida
Até a despedida
Rimar ou sem saída
Fiz disto a minha vida
O sucesso é “cash” e “stress”
E se tivesse mais gente, houvesse mais
gente havia
A vida é Fria diz quem ouvia
Ou é real pra mim é igual
Poder mental é cordial
E só quem ama eu sinto a chama ou finta o
drama
Ou tinto ou grama
Sou criptograma
Ninguém entende, aprende que o sonho é
bruto e nem desfruto em absoluto
E abre-se o luto
Diabo soluto
E acaba-se tudo e gaba-se rude
E muda-se tudo mas fiz o que pude
Perdi o meu tempo enrolado na vida
Não sou um exemplo enforcado na ferida
Só perco o cinzento
Focado na fita
Com tanto talento afogado na guita
Sim quero viver bem, bem, bem. Mas pra
mim nunca será assim, pra mim o mundo foi
mal pintado bati no fundo e era escusado,
sim era escusado

Refrão

4 - MÁFIA PORTUGUESA

Verso 1

Vivem sempre à nossa custa
Olha só que vida justa
E tu fala e barafusta
Diz-me que nada te assusta
Não
Não quero parar só quero viver
Sem nunca cansar até me doer
Quem tem patamar não sai a perder, não
ouvi falar, só ouvi dizer
Quem tem quer mais, vós nem olhais
Ouviste é triste
Subiste e riste
Sou quem insiste
E não desiste
De abrir a mente
Ser transcendente
O povo sente
O que é transparente
Quem lucra e ganha
É mais campanha
E ilusão pra ser patrão
Farsa a expressão
Querem razão
Ainda lhes dão a comissão, mas pra mim
não, nem ganha pão!
Rebelião, diz me onde estão
Eu vou irmão
Não morro em vão pela nação
E siga, grita, grita!

Refrão

Eu, não sei onde vai parar, parar
Eu, vejo todos a roubar, roubar

Verso 2

É a máfia portuguesa
Querem te tirar da mesa
Pra teres uma vida presa
Sê bem-vindo à avareza
Ainda mostram com clareza
Que quem rouba tem defesa
E povo tem despesa
De quem mama, mama
Prova e não reclama
Prova sabe a lama
Mas o povo aclama
Só quem nos engana
E já não entendo nada
Vida errada
Injustiçada
Estás entre a espada e a parede
Bem-vindo à rede, é criminosa
E essa sede é saborosa, ainda goza o povo
Nada novo e nem me comovo nem me
promovo, se é tempo houve e nunca houve
justiça é só cobiça no poleiro a tempo
inteiro, é por dinheiro
E sente o cheiro a lixo, um nicho ganha e
ninguém topa essa artimanha

Refrão

Verso 3

Quero o salário do Salgado
Ou o ordenado da Cristina
E no conto do vigário
Só vim pra queimar retina
Foco mesmo em neblina
M.... de ordenado mínimo

Tu és condenado primo
Sem a reforma do Soares
A única forma é tu suares
E essa dor acumulares
Bem-vindo ao jogo dos azares
E nem que tenhas um Freeport
Eu só me movi forte
Só nunca vivi sorte
Até já senti morte
Mau, mau, mau dei um fax pra Macau
Mau, mau, mau é ficar sem bacalhau no
Natal
Quem tem fome passa mal
E quem come em Portugal
É a cultura do poder
Não há nada a fazer
Põe-me um visto *gold*
Que eu quero o bolo
E marcar golo
Se hoje o que importa é futebol
Tu morde o anzol
E esquece o sol
Vira etanol
E faz limpeza
Bem-vindo à máfia portuguesa
Que rouba o povo e nunca é presa

Refrão

5 – FORA DE MODA

Verso 1

Venho mais “classic”
É “basic”
E o passado é péssimo

Não passa de um décimo
Num mercado enésimo
Focado ao milésimo
Imerso de verso em verso
Confesso o “stress”
Sucesso se desse
Andava num Royce
Partia na “voice”
Parava na Vogue
Não rezo nem rogo
Senhor demagogo
Poder sem “pow pow police”
Agarra o meu “flow flow” isso
Sim disse
Ouvisse
Agisse
Agora
Cumprisse
Na hora
Futuro apavora
E povo implora
Só grita e chora
Se és burro ignora
Sa f... essa elite
Não vivem do Mérito
E morte é “numeric”
Humano é “generic”
E o sonho é do “credit”
E a vida é do “debit”
Por isso sou “sadic”
ou inda mais “tetric”
Poder vem da “metric”
Dei um erro na Matrix
Não fiz uma má “mix”
Rebentei com o “grafics”

Mais “under” que o “radix”

Verso 2

Passado é passado, futuro é conosco
Não vivo forçado, mas é tudo fosco
Sim, perdi o brilho ao ver o gatilho
apontado na cota
E hoje o meu trilho é focado na nota
Pra manter a casa já ninguém me atrasa, és
falso, então baza, baza, baza, baza
Eu viro solo e tiro o colo
Eu só me isolo, é protocolo criar defesas,
hoje o “control” é só despesas a ter certezas
Diverso o verso
E só progresso
E se isso desse
Nesse insucesso eu sou submerso e nem
disperso
Eu só desperto de que disto ‘tou perto
Um livro aberto
Mantém secreto
Fica discreto
Tanto insurreto não submete
Só intromete, não sou manchete, não
compromete, é compromisso diz-me o
correto ou parte disso que eu parto o “disk”,
viver é “risk”, é isso

Verso 3

Hoje eu não sinto o chão
Por olhar para a nação
Todos têm razão, vivo a pedir perdão
Mas sem música não
Não dá para ter noção
Perco a respiração
Tanta conspiração
Procura elevação

Até na solidão

Não vais viver em vão
Perder motivação
Não, não, não, não...

Verso 4

É tanta ansiedade atrás da liberdade
Numa nova cidade
Sou da Comunidade
Não vivi nem metade
Nem perdi a vontade
Só contabilidade
Pela dificuldade
Tens que tirar um curso
Esquece a figura de urso
Agarra o teu percurso
Só fiz pra ter recurso
E hoje não tenho nada
A “G” (garagem) abandonada
Numa nova jornada
Vida subordinada
Eu estou bem na garagem
A ver que poucos agem
Tira essa maquilhagem mostra vossa
mensagem
É tudo “king, king”
Tuga BLING, BLING
Lá no fim vim
Do confim, sim
Tuga “zircónia” “no diamond”
Essa vida não dá mano
Mais oculto que o Kraken
Ou que um culto do amém
A beber sem um *Barman*
Já vi um sapo com a boca cozida, pus a
dançar o diabo na minha vida

Serei a boca de quem conspira porque essa vida não dá só tira, tira, tira, tira

6 - MANIFESTO ANTISSISTEMA

Hoje tentei procurar nas ruelas da vida o objetivo de um mundo insano e ao pudor de uma corrida porque branco é o pano ou então eu me engano

Mentira vem pelas costas quando encostas e não gostas tentas ser mais, tentas ter mais

E procurar a razão de um martírio injustificado sem a beleza de um lírio Rosado

Será crença, ó vigário?

Hoje a crença é salário

O que parte num aparte sem parte nenhuma

Indiferença é estandarte e não comparte de causa alguma

E o ódio cresce do ciúme da mesma árvore do costume, proclamado por um raio de sol infinito que te cega e não te entrega a vontade de ver

Pois ele não rega e te renega

E não floresce a vontade de ser

Até se esquecem da palavra mais bonita como a fonte do Ancião e eu afogo-me em escrita com vontade de dizer um palavrão na perdição de uma esquizofrenia poética e fonética que no fundo dói a alma peço-vos apenas para viver com alma, alma

Sim, a destruição vem a caminho e a verdade vem no vinho a culpa é do Cavaco Silva Aníbal

Já que morreu Dantas

E de uma economia canibal feita de gargantas

Tragam de volta o Salazar mas nunca o André Ventura num país que é podre e tem azar até se perdem na cultura

Será que a culpa é do Marcelo ou dessa artimanha política?

Vivem num mundo paralelo inda abafam a crítica

Farto desses charlatães e desses cães que te comem no prato, farto de viver oprimido e ser mordido como um Rato

Matem o Cavaco porra pim

Querem que um artista morra, sim

Deve ser hereditário ser corrupto

Matem o Marcelo pim pam pum

Ou esses Democratas que te deixam de jejum

Sê bem-vindo ao circo

Mais bem pago

Quero entrar na Assembleia

E hoje o rico

É bem vago

Porque aceita esta boleia

É preciso mudar o mundo

E comparar o Fundo

Com essas elites secretas

Que se tornam incorretas

E por isso eu manifesto nunca modesto

Ou és parvo ou és burro se acreditas na justiça

Eu continuo a ser Casmurro

E a dizer que a sociedade é postiça

Hoje eu quero ser doutor, cuspir na cara de uns quantos

Ser mais que um compositor

Não me confundam com uns tantos

Sou anticapitalista

E a vossa lista mete-me nojo

O ser humano é egoísta, mete-me nojo

Estou farto de tudo

E não acudo nem ajudo ninguém só me destruo
E continuo odiando o sistema
Que não toca o meu tema
Quero viver sem problema
Tinha que ter uns milhões
E já que nada vale a pena
Então cocem os c.....
Corrupção é tradução
De um povo que se diz herói
Fazem manifestação, diz-me quem tem coração
Se dói? Diz herói
Se Jesus vem lá de cima
Deve ser filho de um “ET”
Sinto que o fim se aproxima
Porque acredito na TV
Vivo atrás da utopia ou da magia
Que não existe
E tudo me contagia e dá-me azia
E por isso fico triste
Mataram a arte e os artistas têm cérebros de galinha
E por isso eu estou à parte
De quem baixa essa calcinha
Nova ordem Mundial
Ou problema social
Faço arte sem rendimento
Só procuro ter talento
E fazer arte pela arte
Então matem-me de enfarte
Se o que faço não tem ciência, mas tira-te a paciência
Tive que evocar o Camões para ter uma certeza
Ele disse “filho não escrevas mais, pois és poeta à portuguesa”

7 – PROBLEM

Verso 1

Fui sempre azedo “c’mon”
Tenho sabor a droga
Não tenhas medo mamã
Que não vou ’tar na moda
Sou aquele que incomoda
Hoje a cabeça roda
Sei que viver é f...
Só vim fazer a poda
E só me tira o “stress”
Num mundo que enlouquece
Quem chora fortalece
E tudo me acontece
Não sinto um “good feeling”
Mas no meu “mood, we king”
Sou tipo um “rude viking”
Ou “amplitude clipping”
Vim bater mais que bófia
Mas isso é só bazófia
Pra mim é tudo cópia
E essa guita inópia
Meu povo filosofa
Enquanto o resto “drofa”
Desculpa minha nossa
Só vim pra fazer moça
De mim não fazem troça
E não querem que eu possa
Nem vou cair na poça
Quero a carteira grossa
É tanto “problem” ter “weed” e pólen, é tanto “problem”
Mas não me enrolem, é tanto “problem” ou tanto “problem”

Verso 2

Atrás da vida pura
Provei tanta amargura
No meio da censura
Escondi esta loucura
No meu “puff puff pass”
Esquece o “bluff bluff”, esquece
Tipo Kush, Kush “bless”
Dei-te um “flush, flush” esquece
Hoje o que sinto é fogo
Estou-me a c.... prò jogo
Só quero um mundo novo pra mim e prò
meu povo
Hoje sinto que a vida é f.....
Então toma medida
Sim ‘tou na batida
Já desde a partida
Nunca foi perdida
Sim vou na subida
“Ya” tipo suicida
Sa f... corrida
Fazem isto por dinheiro
Diz-me quem é verdadeiro
Eu nasci pra ser herdeiro
Inda sou um mensageiro
Do *boom bap*
E do bom rap
E dá bom “rec”
Ou dá bom “track”
O meu som mete
E não compete
Hoje promete
Tu reflete, tu reflete, reflete...
“Ya” sou antissistema
Se dói é problema

Um novo teorema

Escondido no meu tema

8 – CALAMIDADE

Verso repetido

Todos no mesmo barco, uns de iate outros a
nado

Que deu errado? Não foi curado

É pandemia, sem alegria

Corona, Corona, Corona...

É pandemia, sem alegria

Verso 2

Sinto que a vida não vai bem

E sei que isso convém, o povo é refém

De nada que não tenhas visto

Não fazes parte disto

Economia não para

Inda te gozam na cara

Por isso volta ao trabalho

Na volta fazem trilhões

O pobre é carne de talho

E não existem razões

A não ser “economi-”. “tecnologi-”,
“societi-”

Já transmiti

“Economi-”. “tecnologi-”, “societi-”

Já repeti

Refrão

Calamidade, o estado é calamidade

O mundo é calamidade, o estado é
calamidade

Verso repetido

Verso 3

Estou farto de estar trancado
Muito mais ficar calado
O ambiente fica pesado
Se viver é arriscado
Paga o erro do passado
Inda vais ser dissecado
É um jogo de mercado
Pra ficares mais obcecado
Eu estou farto, farto, farto...
Farto, farto, farto, farto
Quem tem poder manda na morte e mata
Mantém-te forte, hidrata
O mundo é psicopata
E usa gravata

Refrão

Verso 4

Eu estou, farto, farto
Vende o fato
É aparato, seu ingrato
É crime exato
Vender cura
Seu doente
É só loucura
Ou acidente
Que de repente
‘Tá tudo infetado
Eu ‘tou infetado
Tu és infetado
Que mundo infetado
É tudo culpado
Até deturpado

E eu estou cansado

De ficar calado

Eu estou farto, farto, farto, fato, farto, farto,
farto

Refrão

9 – SEM CONVERSA

Verso 1

Sinto que a vida começa
E acaba depressa
Sa f... não “stressa”
Então para e não cessa
Tu cai e tropeça
E tu para e pensa
Não tiro uma dessa
Não é intensa
Não quero conversa
Se não queres que eu vença
Sou rima submersa
E é bem densa
Aqui sou eu quem tem bom senso
O *beat* é meu sem consenso
É bom esse, se entendesse
Aquilo que eu sinto
No entanto nem brinco
Nem branco, nem tinto
É “flow bro”
Sou quem sou
Não mudou
Sinto mais puro, sou chama
Aquilo que sinto não é drama
E se és puro, inflama
E já viver é um trama

Se te exclui, é difama
Nunca fiz isto por fama
Só ‘tá na luta quem ama
De decibel em decibel
Sou audível ao meu nível
Incrível mais incrível
Mel, mel, mel, mel
Empara o passo
Seu cara de aço
Enquanto traço
Vou no espaço
E pra mim ‘táse
Mas pra ti não
Sou um embaraço
E podridão
Não por ti, cão
Sou profissão
Não por ficção
Inquisição
Cala cabrão
Falta o refrão (falta o refrão...)

Refrão

Mostro-te o meu “bass bass”
“In your f.... face, face”
Vivo no meu “place, place”
É bem lá no “space, space”

Verso 2

De segunda a segunda
A cortar na reta
No fundo só queria
Pisar a meta
Se o mundo é errado
Não há escolha certa

Pensar no passado coração aperta
Se errar é pecado já não me afeta
Não entende o recado e biblioteca
Se invisto um bocado
Ninguém me hipoteca
O gordo é pesado e não vejo seca
Agarras o que sou? “No”
Se escarras dá-me sono
Pus barras no “telephon-o”
Mas sem mamar abono
Real é ter um bom rap
O “feeling” vem do *boom bap*
Hoje bate é ter um som “wack”
Faz parte do meu dom *trap*
Ser rapper não é “trafic”
Nem “mamama ma d...”
Vim pra matar o “basic”
Fazer da história um “classic”
Diz a tua editora, eu não sou ditado
Só tenho o meu brilho e tenho brilhado
Sa f... o destino, é desalinhado
Não tenho platina e sou platinado
Só vim pra queimar todo o iluminado
E pôr-te a pensar no que fiz de errado
Aceitar o sistema já é ser culpado
Mesmo que o sistema seja bem montado
Mais milho prò pombo ficar calado
No dia do tombo tem advogado
O campo é minado e contaminado
A viver curvado
Fica complicado
Mesmo diplomado
Eu tenho rimado (eu tenho rimado...)

Refrão

10 - S'f#! * TUDO

Verso 1

Já não me importo
Se sou impróprio
'Tá sujo, cospe tu
Nunca me encosto
Só vejo azia, então pede Frize
Sinto magia e sem deslize
Finto a razia de um "bad biz"
Sou anarquia e só nego crise
Sim, 'tamos todos na luta
Há tanto filho da p...
No mundo que nem te escuta
Quem tem a lei vive à bruta
Sem igualdade não 'tou bem
E se há liberdade me poupem
Tiram o pouco de quem tem
Só se fores oco não vês nem
Já não me importa
Hoje faço batota
E ninguém nota
Já não me importa
Hoje sa f... tudo
Hoje sa f... tudo
Já não me importa
Hoje sa f... tudo
Hoje sa f... tudo
Hoje sa f... tudo
Faço batota

Refrão

Não me param, digo: "no, no"
Sei que vivo "low, low"
Mas não tenho sono
Vim causar transtorno

Verso 2

Hoje é sem consentimento
Sou 100% idêntico
Se vem com sentimento
Só tento ser autêntico
Aprende, aprende, aprendi
Surpreende, entende, entendi
Compreende, defende, defendi
Subentende, ascende, ascendi
Sou filantropo e não quero pouco
Tipo isótropo e só quero o topo
É neurótropo, é do tipo louco
Sou é mais misantropo, é tipo do "dope"
Tanto artista é só "tik tok"
Não 'tou na lista, sou tipo top
Sim, 'tou na pista sou hip-hop.
E um formulista do *laptop*
Virei o "move" só com um bom "beat"
Atrás do *groove* no meu som cito
Só vivo o meu sonho e nunca cansei
O mundo é medonho e já reparei
Sou indignação
Vivem sem noção
Sou intervenção
A minha expressão

Refrão

Verso 3

Ninguém entende a tua dor e sente
É só rancor e mente
É tudo sorridente
Eu não sou conivente
Isso é evidente

Ninguém é transparente
Tento ser divergente
Tornar-me consistente
O mundo é decadente
Só vivem descontente
Estou a ficar demente
Sim, eu já sou doente
Vim pra quebrar corrente
É tudo deprimente
Eu não sou paciente
Sa f... a pausa é manter-me aqui
E a minha causa eu nunca pedi
Os meus estarão sempre, nunca confundi
Com olhar de serpente
Pra nunca cair
Sa f... a fruta
Eu só quero o sumo
A “baby” discute:
“Eu só quero fumo”
Sim, viro abutre e não perco o rumo
Desculpa se há dias não durmo
A cabeça não para
Que a vida é uma cabra
E a ferida não sara
Cabeça não para
Cabeça não para
Cabeça não acaba é eternamente
Então eterna a mente
Na minha eterna mente
Só falo abertamente
Por ter aberto a mente
Só rimo ativamente
Por isso ativa a mente
E vive avidamente
Até a vida mente

Descontroladamente

Refrão

11 – TEMPUS

Verso 1

Pensa e fala por ti
Não cala, bati
Iguala-me aqui
A bala abati
Sim
Vivo perdido
E não perco tempo
Só sigo o sentido
E é tão cinzento
Sim, tenho ouvido diariamente
Estás perdido, iludido
E ninguém te sente
Ou ninguém decente
Aqui sou docente
E não decrescente
Olha só prò sistema, se tudo vale a pena
Não há luz no meu tema
Se falam o povo ordena
Mas pra mim não
Serás irmão
Sem coração
Revolução
Da evolução
Nesta opressão
Perdes razão na escuridão

Refrão

Para agora!

Deita fora!
Mano ‘bora!
Deita fora!

Verso 2

Farto do mundo
Eu odeio tudo
Já não me iludo
Eu ‘tou meio rude
F... se és rico, mas estou no “hood”
Aumenta o pico, ‘tou meio “good”
Porque a dor já não passa
Todos com uma mordança
Se comes o povo amassa
Tudo perdeu a graça
Só acredito em “music”
Porque me torna “unique”
Se não me assenta é “toxic”
Sim, vou virar “utopic”
Hoje sinto que a vida não anda bem
Estás preso ao sistema e não és refém (e não és refém...)

Refrão

Verso 3

Sente o barulho
Da minha posse
É tanto trabalho
E não tenho “boss”
Sou duro e puro
E não tenho “sauce”
Fumei o meu escuro
E não tenho tosse
Já tanto me f...
Mas nunca me vendi
Hoje tanto aprendi

Mas nunca me rendi
Eu trabalho, c.....
É seguir o sonho
Eu baralho e falho
E ainda me disponho
De rimas e rimas
E tu nem o oprimas
“Oprimas, oprimas”
Só faço obras primas
É tudo igual pra mim
Até chegar ao fim
Eu vou ser sempre assim
Tenho um sabor ruim

Refrão

Verso 4

Sinto, perdido no meu tempo
Caí no esquecimento
É tanto desalento a viver contra o tempo
Estou a queimar por dentro
Apaga o sofrimento
Só quero o meu momento
E tu?

12 – CONSOME

Verso 1

Procuro uma rota
Onde a guita cresce
Então paga uma cota
Essa vida mexe
Não viro na volta
Com quem não desce
Sim sinto revolta
Então reconhece
Que a vida é amarga

Sem ‘tar na revista
E a “bófi” só estraga
Quem faz a revista
Tento ser artista
Com ponto de vista
Um novo exorcista
Um antigolpista
Só vim pra desordem
Todos acordem
Só não concordem
Com qualquer ordem
Que o fim ‘tá perto
Desperto, incerto
E vim, liberto
E sim, desperto
No fim acerto
Diz-me o afeto, onde vai o rumo
E pra ser correto atrás do consumo
Não visto a linha da Gucci e muito menos
sou “pussy”
Sinto na pele o que sofri
Pus no papel que não morri
Hoje a linha inverte
Ninguém me converte
E pra ser manchete
Que seja no rap
O que sou reverte
E não te remete
Sabes que hoje promete
Até salta o *cap*

Refrão

Tu consome
Tenho fome,
Tenho fome

Tu consome,
Tu consome o meu nome
Ben’ Artist,
Ben’ Artist
Não estou na “list”
Ben’ Artist

Verso 2

Tic tac
Enquanto tempo passa
Tic tac
Sinto o fim da raça
Tic tac
Olha a bomba relógio
Tic tac
Vive o necrológio
É “logic”, é logic”
“Iconic”, “iconic”, sou “sonic”, “no panic”
Aguenta a pressão
Sei é que é tanta emoção
Que te mata a razão
E a dor obsessão
Rebentamos com o mundo
E lá no fundo
Olhai só prò sistema
O que interessa é o lucro
E o ecossistema? O que interessa é o lucro
Que te obriga ao consumo
Já faz parte do rumo
Demos cabo do mundo
Faço parte do Fundo
O mais *underground*
É só *background*
Sim eu sou hip-hop
Que sa f... o top

Já desde o começo
A viver sem preço
Faço e aconteço (faço e aconteço)
A viver sem preço
Eu não te conheço

Refrão

13 - CAOS (OUTRO)

Tema instrumental

**Anexo B – Excertos de temas de
Chullage**

“De Volta”

*(...) de volta para o Hip Hop
não morrer como historia do século 20
mais underground que casais de amantes*

no Motel Requite

90% da minha geração

de rappers ta sold

o mau exemplo pra new school

e desrespeito pa old

Estes pretos perderam o mapa

Diggin o Gold

Mas eu continuo tão black

Que as letras saem em bold

esse Mcs são comediantes

sem graça tipo marco horacio

(...)

R.A.P.

Raízes afro Populares

(...) Reggae, Acústica, Percussão

Rimas aos Pares

Reason Akai Programação

Reformula as Palavras

Requer avisos Parentais

Reinstala as polémicas

Repudia avisos Penais

Rappers antes politizavam

Rappers agora publicitam

Rappers antes protestavam

Rappers agora parasitam/

Relógios, anéis, palácios

Roupas, automóveis, pretas

Rabos, ancas, pernas,

Revistas, Adolescentes, petas

Reviews atribuem premios

Rádios auto promoção

Recebem-se as palmas

Recibos, agentes, produção

Respeito adquire-se primeiro

Rejeito álbuns precoces

Recrimino a postura

Rappers ambicionam posses

Reconhecimento aos pioneiros

Retribuo amor props

Ridicularizo as playlists

Ruptura anti-Pop

Hip Hop

(...)